

Joana Isabel Carvalho Soares Moreira



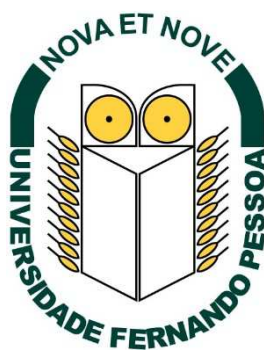
TRAJETOS DESVIANTES E VITIMAÇÃO EM JOVENS
CONSUMIDORES DE DROGAS E COM CONDUTAS
DELINQUENTES

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Joana Isabel Carvalho Soares Moreira



TRAJETOS DESVIANTES E VITIMAÇÃO EM JOVENS
CONSUMIDORES DE DROGAS E COM CONDUTAS
DELINQUENTES

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Joana Isabel Carvalho Soares Moreira



TRAJETOS DESVIANTES E VITIMAÇÃO EM JOVENS
CONSUMIDORES DE DROGAS E COM CONDUTAS
DELINQUENTES

(Joana Isabel Carvalho Soares Moreira)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a orientação da Prof.^a Doutora Laura Nunes.

Porto, 2015

Resumo

O presente estudo centra-se na problemática da toxicod dependência, pretendendo dar resposta relativamente à manifestação entre os comportamentos delituosos e as situações de vitimação entre jovens consumidores de substâncias. O objetivo geral deste estudo passa por compreender a eventual relação entre o consumo de drogas e a delinquência, bem como entre a vitimização e as trajetórias de consumos neste grupo de jovens. Para o efeito, foi desenvolvido um estudo qualitativo com um desenho exploratório, descritivo, transversal, observacional e baseado no autorrelato. Os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram um questionário de vitimação desenvolvido por Nunes e Sani (2014) e uma entrevista previamente construída. A amostra constituiu-se de 15 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre 16 e 18 anos e que se encontram institucionalizados. Os resultados permitem concluir que as situações de vitimação expostas pelos inquiridos se associam a situações de consumo e estas a situações delituosas. Os resultados obtidos e as conclusões extraídas apresentam-se como um meio de confirmar a necessidade de desenvolver mais estudos neste âmbito de forma a promover intervenções cada vez mais eficazes e direcionadas.

Palavras-chave: Toxicod dependência, Vitimação, Conduta delituosa, Jovens

Abstract

This study focuses on the problem of drug addiction, intending to respond regarding the manifestation between criminal behavior and situations of victimization among young consumers of substances. The aim of this study involves understanding the possible relationship between drug use and crime, and between victimization and consumption paths in this youth group. To this end, we developed a qualitative study with an exploratory design, descriptive, cross-sectional, observational and based on self-report. The instruments used for data collection were a victimization questionnaire developed by Nunes and Sani (2014) and a previously constructed interview. The sample consisted of 15 young people of both sexes, aged between 16 and 18 and are institutionalized. The results show that the victimization situations exposed by respondents are associated with consumption situations and these with offenses. The results and the conclusions drawn are presented as a means of confirming the need for further studies in this area in order to promote increasingly effective and targeted interventions.

Keywords: Addiction, victimization, criminal conduct, Young

Aos meus pais...

*pela dedicação ao longo do meu percurso acadêmico
e, principalmente, pelos valores que me transmitiram que
fizeram de mim uma pessoa mais capaz para culminar esta etapa.*

Agradecimentos

No final desta importante etapa na minha vida, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que, de um modo ou de outro, estiveram presentes neste percurso, me apoiaram ajudaram e estiveram sempre lá quando precisei.

Assim, agradeço sinceramente à Universidade Fernando Pessoa e aos seus docentes por todos os ensinamentos, aprendizagem que obtive e que serão a base da minha prática profissional futura. Não poderia também deixar de agradecer à instituição que me permitiu a recolha de dados, possibilitando, assim, este trabalho.

De uma forma especial agradeço aos meus pais e ao Pedro, a quem dedico esta tese.

À minha orientadora, professora Doutora Laura Nunes, que sempre esteve disponível para me orientar, muito me ensinou e motivou para que a realização deste trabalho fosse possível.

A todos o meu muito obrigada!

Índice Geral

Introdução	1
Parte A – Enquadramento Teórico	3
Capítulo I – Conceitos Básicos.....	4
1.1. Drogas e toxicodependências	5
1.2. Delito e comportamentos delituosos	12
1.3. Trajetórias transgressivas	15
Capítulo II – Vitimação e delinquência entre consumidores de drogas	18
2.1. Consumo de drogas e práticas delinquentes	20
2.2. O jovem toxicodependente – ofensor e vítima / análise de modelos teóricos.....	26
2.3. A Vitimação e Delinquência no jovem consumidor de drogas – os estudos.....	28
2.4. Avaliação da Vitimação entre Dependentes de Drogas.....	32
2.5. Alguns Estudos Relevantes	33
Parte B – Estudo Empírico	36
Capítulo III – Metodologia.....	37
3. Método.....	38
3.1. Caracterização da Amostra.....	39
3.2. Material.....	40
3.3. Procedimento	41
3.4. A Categorização	42
4.1. Apresentação dos Resultados	57
4.2. Discussão dos Resultados.....	74
Conclusão	81
Referência Bibliográficas	84
Anexos	

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica da amostra total (n=15).....	50
Tabela 2. Caracterização do consumo de substâncias da amostra total (n=15).....	58
Tabela 3. Resultados obtidos para a subcategoria Relação com Pai, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	59
Tabela 4. Resultados obtidos para a subcategoria Percepção da relação com Pai, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	60
Tabela 5. Resultados obtidos para a subcategoria Relação com a Mãe, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	61
Tabela 6. Resultados obtidos para a subcategoria Percepção da relação com Mãe, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	62
Tabela 7. Resultados obtidos para a subcategoria Relação com os Irmãos, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	63
Tabela 8. Resultados obtidos para a subcategoria Percepção da relação com Irmãos, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	64
Tabela 9. Resultados obtidos para a subcategoria Ocupação dos Tempos Livres, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	65
Tabela 10. Resultados obtidos para a subcategoria Relações Próximas, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.....	66
Tabela 11. Resultados obtidos para as subcategorias relativas à institucionalização e comportamentos puníveis por lei da categoria Percepção do Percurso Existencial.....	67
Tabela 12. Resultados obtidos para as subcategorias relativas aos comportamentos puníveis por lei (idade e evolução) da categoria Percepção do Percurso Existencial.....	68
Tabela 13. Resultados obtidos para as subcategorias relativas às Perspetivas Futuras da categoria Percepção do Percurso Existencial.....	69

Tabela 14. Resultados obtidos para as subcategorias Situação de Vitimação e Relação Consumo pelo Ofensor com Vitimação, da categoria Vitimação Prévia.....	70
Tabela 15. Resultados obtidos para algumas das subcategorias da categoria Vitimação (período de consumos), incluindo a situação de vitimação e as motivações subjacentes.	71
Tabela 16. Resultados obtidos para algumas das subcategorias da categoria Vitimação (período de consumos).....	72

Índice de Figuras

Figura 1. Sistema de Categorias.....	44
Figura 2. Categoria percurso desenvolvimental no período da infância, as correspondentes subcategorias e as respetivas classes de resposta.....	47
Figura 3. Categoria percurso desenvolvimental no momento presente, as correspondentes subcategorias e as respetivas classes de resposta.....	48
Figura 4. Categoria Perceção do Percurso Existencial, subcategoria Percurso Desenvolvimental Decorrente dos Consumos e subcategorias e classes de resposta correspondentes.....	51
Figura 5. Categoria Perceção do Percurso Existencial, subcategoria Perspetivas Futuras e subcategorias e classes de resposta correspondentes.....	52
Figura 6. Categoria Vitimação Prévia, subcategorias Situação de Vitimação e Relação do Consumo pelo Ofensor com a Vitimação e classes de resposta.....	53
Figura 7. Categoria Vitimação (período de consumos), as subcategorias e classes de resposta correspondentes.....	56

Introdução

Atualmente, a investigação científica tem-se debruçado sobre a relação existente entre o consumo de drogas e os comportamentos delinquentes (Nunes, 2006, 2007, 2011). Por este ser um fenómeno envolto de complexidade tem motivado a compreensão do seu impacto no desenvolvimento e no comportamento humanos. O consumo de drogas e os comportamentos delinquentes foram, durante muito tempo, relegados para um segundo plano no âmbito da intervenção e investigação sobre este tema. O consumo de drogas constitui um problema social muito importante no desenvolvimento tanto dos jovens como nos adultos. Recentemente, pesquisas (Maccoun, Kilmer & Reuter, 2003; Nunes, 2011; Nunes & Sani, 2014) têm vindo a observar que o consumo de drogas está envolto num imenso sofrimento para o indivíduo consumidor e para todos aqueles que os rodeiam, e que os comportamentos delinquentes estão marcados cada vez mais por comportamentos de violência, pelo uso de substâncias ilícitas e pela criminalidade.

Embora os estudos em Portugal atestem esta evidência, a investigação neste âmbito ainda é recente, o que nos leva a refletir sobre a necessidade de produzir conhecimento que contribua para tecer considerações sobre o estudo da criminalidade e da vitimação associado ao consumo de drogas. Assim, este trabalho tem como objetivo compreender a eventual relação entre o consumo de drogas e a delinquência, bem como entre a vitimização e as trajetórias de consumos neste grupo de jovens. Mais especificamente, procura-se: i) identificar os padrões de consumo entre os jovens; ii) aceder/conhecer as trajetórias desviantes destes jovens; iii) identificar situações de vitimação sofridas prévia e posteriormente ao consumo de substâncias; iv) identificar eventuais regularidades, em termos biográficos, implicados nas trajetórias desviantes; v) reconhecer indicadores da prática delinvente e da vitimação eventualmente associadas

aos consumos de substâncias. A pertinência deste estudo deve-se à prevalência alarmante e consequências para a saúde física e mental dos consumidores. Apesar de esta ser uma temática bastante atual e de enorme pertinência o que é facto é que a delinquência, a droga e a vitimação no que respeita a jovens portugueses, sobretudo os padrões de vitimação, têm sido pouco explorados, pelo que os estudos científicos neste âmbito são sempre uma mais-valia na medida em que permitem conhecer melhor esta realidade.

Assim, e procurando apresentar a investigação que foi realizada, o trabalho que se segue encontra-se organizado em duas partes. A primeira, onde é feito o enquadramento teórico, é composta por dois pontos, que estiveram na base deste estudo: (i) conceitos básicos e (ii) Vitimação e delinquência entre consumidores de drogas. A segunda parte, por sua vez, compreende o estudo empírico que contém os aspetos metodológicos, objetivos, questões centrais e desenho do estudo, instrumentos utilizados, procedimento, caracterização da amostra, e os resultados alcançados. Por fim, é apresentada a discussão dos resultados, bem como uma conclusão acerca dos resultados obtidos e das implicações deste estudo.

Parte A – Enquadramento Teórico

Capítulo I – Conceitos Básicos

1. Contextualização - nota introdutória

A história das drogas é longa e complexa, pelo que se revela ilusória a ideia de que o consumo de drogas é um fenómeno recente na história da humanidade (Toscano Jr., 2010, cit in Nunes, 2007). Os relatos, neste âmbito, dão-nos conhecimentos que desde a pré-história, diferentes substâncias psicoativas têm sido usadas com diversos fins, destacando-se os fins estritamente prazerosos, até ao aparecimento de estados de deslumbramento. Contudo, reveste-se de extrema importância o uso de substâncias ilícitas para fins curativos, quer em práticas religiosas tradicionais ou no contexto médico-científico da atualidade (Escohotado, 2004).

Para que se possamos compreender a problemática no seu todo e tendo em consideração a sua complexidade, é pertinente termos conhecimento da história passada e desenvolvimental do indivíduo, dado que o consumo de drogas resulta de um contínuo fenómeno histórico (Poiars, 1999). O conhecimento do passado relativo ao consumo de substâncias permite, desde logo, identificar algumas comparações úteis, sobretudo no que concerne ao consumo de drogas nas culturas pré-modernas, nas quais o recuso a substâncias ilícitas que seriam passíveis de provocar dependência (física e psicológica) não assumiu os contornos preocupantes que se têm identificado nas sociedades atuais (DuPont, 2005).

1.1.Drogas e toxicodependências

O consumo de drogas com as particularidades que atualmente lhes são identificadas, não se desenvolveram ao acaso seguiu, um percurso de múltiplos fatores de natureza económica, política, social e científica, numa contextualização histórico-cultural que foram confinando a evolução do fenómeno (Morel, Boulanger, Hervé & Tonnelet, 2001, cit in Nunes, 2007). Há muito que os homens procuram estados de euforia e de conforto nas plantas. Exemplo disso é a civilização egípcia, que com o intuito de esquecer as

preocupações, enganar a fome e o cansaço que recorriam ao consumo de cânhamo, (Angel, Angel, & Valleur, 2002, cit in Nunes, 2007). No México, as civilizações anteriores à civilização Azteca consumiam drogas com fins místicos e ritualistas.

No Oriente, entre o século II e IV, já se elaboravam compostos com o pó das cinco pedras que “faz comer frio”, à base de minerais dissolvidos em álcool quente. Este composto levava o indivíduo a perder a noção do tempo e a um envelhecimento precoce (Poiars, 1999). Hipócrates, na antiguidade Grega, advertia o uso do ópio com fins terapêuticos (Poiars, 1999). Os romanos por sua vês, eram conhecedores da papoila dormideira e de algumas das propriedades do ópio. Plínio, com a sua obra “História Natural” fornece a explicação de como recolher a substância daquela flor. Conhecido pelo seu domínio nas Ciências Médicas, também Galeno recorria ao ópio, com o fim de elaborar preparações farmacêuticas para as mordeduras de serpente (Angel, Angel, & Valleur, 2002, cit in Nunes, 2007).

Mais tarde, na Alta Idade Média, as bruxas eram diminutas, passando despercebidas. A farmacopeia ocidental era escassa, só algumas substâncias é que eram retiradas das plantas, com finalidade de certas práticas exorcistas e cultos demoníacos. Em 1277, depois a retoma da crise económica da Baixa Idade Média, constatou-se que um terço das mulheres, recorriam a substâncias oriundas de plantas com o fim de praticarem bruxaria (Escohotado, 2004).

Entretanto na Europa foram entrando outras especiarias, como o chá e o tabaco, surpreendendo com as suas características. Por sua vez surge também o ópio, aliciando a população do velho continente, bem como a atenção do Vice-Rei português, sugerindo ao seu monarca a produção daquela droga com fins lucrativos. O uso do opio também se destacou para fins terapêuticos. Garcia da Orta, apresentou reflexões para o tratamento de problemas sexuais masculinos, gástricos e de diarreias (Poiars, 1999).

Quando nos debruçamos sobre a história das drogas, compreendemos que na Europa, o álcool já era consumido como forma de manifestação das condições adversas da época (social, económico e político). Por sua vez, nas classes privilegiadas o consumo que proeminava era de ópio, fazendo-se sentir os efeitos nefastos desse consumo nos finais do século XIX (Farate, 2000).

Na china já se faziam sentir os malefícios do opio, o que levou os missionários cristãos que se encontravam em missão nessa mesma região, a recorrerem à morfina como forma de tratamento para a dependência dessa substancia. Nos dias de hoje a morfina ainda é utilizada, designando-se como “ópio de cristo”. Chega a estar na origem de guerras devido à riqueza de receitas que constitui para a China (Escohotado, 2004).

A Companhia da India Oriental, no século XIX ministrava os Estados Indianos, que se encontravam ligados por laços federais estabelecidos por monges. Estes laços permitiram criar um monopólio comercial com a Inglaterra e a China, colocando a comercialização do ópio em causa, que originou as chamadas Guerras do Ópio (1839 e 1856), fortalecendo a Inglaterra. Mais tarde, A China viu-se obrigada a ceder Hong Kong ao império inglês. Devido à guerra de cessão dos Estados Unidos da América, os feridos da guerra, acabavam por perder o controlo invadindo as drogarias para acederem à morfina, originando a designada “doença do exército”, devido ao seu uso excessivo (Poiars, 1999).

Mais tarde, no seculo XX emergem no mercado as anfetaminas, que rapidamente foram difundidas, devido ao seu uso excessivo por parte das tropas. Hoffman, na década de 40, descobre o ácido lisérgico (LSD) bem como os seus efeitos, através da sua primeira “viajem” proporcionada pela substancia. O movimento hippie, na década de 60 contribuiu para que ocorresse uma maior generalização do consumo de drogas,

acabando por serem mais usadas por jovens, independentemente da classe social e da sua origem (Angel, Angel, & Valleur, 2002, cit in Nunes, 2007).

Juntando-se ao fenómeno da produção de drogas sintéticas da década de 80, surge a heroína e a cocaína, consumidas por um elevado número de jovens. Os bares e discotecas rapidamente foram invadidos pelas chamadas “pastilhas” de fácil obtenção e baixo custo. A sua produção foi aumentando, conquistando um maior número de consumidores. Devido a este fenómeno, até as substâncias médicas eram formadas por composições de drogas ilícitas, nomeadamente o LSD e o *ecstasy*, com efeitos inesperadas (Lallemand & Schepens, 2005)

As drogas estiveram sempre presentes entre todos os povos ao longo do tempo. A elevada quantidade de droga, é o que se destaca nos tempos de hoje, assim como a facilidade com que se adquire, bem como o consumo entre as camadas jovens (Alves & Kossobudzky, 2002).

O uso de drogas é um acontecimento muito antigo na história do ser humano, constituindo um grave problema de saúde pública, com consequências nefastas ao nível pessoal e social no futuro dos jovens (Marques, Petta & Cruz, 2000).

Para a Organização Mundial de Saúde (2006), “droga” é definida como sendo uma substância que após ser introduzida no organismo, afeta o sistema nervoso, comprometendo os nossos processos cognitivos e afetivos.

De acordo com a American Psychiatric Association (2002) as drogas designavam-se como substâncias psicoativas, todavia sentiu-se a necessidade desta alteração devido ao facto de nem todas as substâncias que são consumidas, provocarem alterações da atividade cerebral, passando assim a designarem-se apenas de substâncias. A droga é uma substância psicoativa que provoca variações no estado de consciência de quem a

consume, Dependendo da substância em questão que é consumida, o seu efeito pode provocar estimulação ligeira, média ou elevada, (Nunes & Jóluskin, 2010).

A adolescência é caracterizada por uma fase que o adolescente vivencia, em que ocorre uma transição entre a infância e a condição de adulto. Nesta fase o adolescente torna-se mais resiliente ao que lhe é proposto/imposto, devido à ausência de controlo de si mesmo. Neste período é normal que este se afaste da família e se aproxime mais do grupo de pares. Esta fase pela qual o adolescente passa, suscita preocupação por parte dos pais, professores e profissionais de saúde pois, essa aproximação pode ocorrer com um grupo de pares que consuma drogas, e posteriormente o adolescente poderá ser pressionado ou influenciado a consumir drogas (Filho, Ferreira, Gomes, Silva & Santos, 2007).

De acordo com Marques e Cruz (2000), o consumo de álcool e outras drogas entre os jovens no mundo mostram que é na passagem da infância para a adolescência que se inicia esse uso. Nos Estados Unidos, estima-se que cerca de três milhões de crianças e adolescentes fumem tabaco sendo o álcool usado pelo menos uma vez por mês por mais de 50% dos estudantes, sendo que 31% chega mesmo a embriagar-se mensalmente. Entre os fatores que desencadeiam o uso de drogas nos adolescentes, os mais destacados, são as emoções e os sentimentos aliados a um forte sofrimento psíquico, como depressão, culpa, ansiedade e baixa autoestima.

Risco é considerado uma consequência da consciente decisão do indivíduo se patentear a uma situação na qual este pretende realizar ou satisfazer um desejo, que por consequência pode acarretar a hipótese de perda ou ferimento físico, material ou psicológico. O Perigo e risco não são sinónimos um do outro, o perigo refere-se a ameaças que buscam os resultados desejados. Por sua vez o risco integra uma estimativa relativamente ao perigo. A incerteza é uma componente essencial da existência e

igualmente do conceito de risco, viver é correr riscos. Por outro lado, o desejo juvenil de alcançar prazer através do consumo de drogas, é um dos riscos que o jovem corre, por se tornar dependente e posteriormente, comprometer a realização de tarefas normais inerentes ao seu desenvolvimento, assim como o cumprir os papéis sociais que são esperados. De uma forma geral, o comportamento de risco, constitui uma ameaça ao desenvolvimento bem-sucedido do adolescente (Schenker & Minayo, 2005).

Devemos ter então em consideração os fatores de risco para o consumo de drogas, que se dividem em fatores ambientais e individuais. Dos fatores ambientais fazem parte: a disponibilidade de drogas, pobreza, mudanças sociais, cultura do círculo de amigos, profissão, normas e atitudes culturais, política sobre drogas, tabaco e álcool, dos fatores individuais: predisposição genética, vítima de maus-tratos quando criança, transtornos da personalidade, problemas de ruturas familiares e dependência, fracos resultados escolares, exclusão social, depressão e comportamento suicida (Organização Mundial de Saúde, 2004, cit in Nunes & Jóluskin, 2010).

O estabelecimento das relações primárias dos jovens, depende maioritariamente do papel que a família desempenha nas suas vidas, bem como na inserção dos mesmos a nível cultural. A forma como esse despenho ocorre, poderá afetar a maneira como os adolescentes reagem à ampla oferta de droga existente na sociedade atual. Por vezes, surgem dilemas na adolescência que não são mais do que o reflexo de problemas provenientes da infância. Ou seja, as relações familiares saudáveis, desde o nascimento da criança, até à adolescência, servem como fator de proteção para toda a vida do adolescente (Schenker & Minayo, 2005).

O modelo de Sistemas de Cuidados de Saúde (Neuman, 1982, cit in Pacheco, Murcho, Jesus & Pacheco, 2009), referencia que as situações que causam desequilíbrio, provocam *stress* no indivíduo, afetando este a nível intrapessoal e interpessoal,

originando alterações psicológicas, fisiológicas, de desenvolvimento, socioculturais ou espirituais. Este modelo referencia ainda que cada indivíduo detém linhas de defesa e de resistência que protegem a sua Estrutura Básica (o seu núcleo vital) dos efeitos nocivos do *stress*. Desta forma, pode constatar-se que os fatores de proteção fortalecem essas mesmas linhas de defesa e resistência, sendo que os fatores de risco as enfraquecem. Definimos os fatores de proteção como sendo aquelas variáveis que contribuem para prevenir ou limitar o uso de drogas, controlando os efeitos da exposição aos riscos, e que podem estar presentes no indivíduo ou no meio social (Pacheco, Murcho, Jesus & Pacheco, 2009). Contudo não podemos concluir que os fatores de risco são os inversos aos de proteção, na realidade, interligam-se (Lozano & Gonzáles, 1998).

Torna-se pertinente aprofundar conhecimentos no que diz respeito aos fatores de risco e proteção, para que ocorra uma prevenção das toxicodependências, para que se possa atuar e atenuar os efeitos negativos dos fatores de risco, reforçando os efeitos dos fatores de proteção. Atualmente, para diversos autores, a toxicodependência é tida como um fenómeno complexo e multifactorial, comprometendo o sujeito dependente das substâncias psicoativas, assim como elementos que se relacionam com este, nomeadamente a família, amigos, meio social e cultural (Abraão, 1999).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a toxicodependência traduz-se num estado psíquico e físico que decorre da interação entre um organismo vivo e um produto tóxico, provocando no sujeito reações que levam este à compulsão para consumir drogas de forma contínua ou periódica, devido ao mal-estar causado pela privação dessas mesmas substâncias tóxicas ou pelo intuito de experienciar efeitos específicos. A adição de drogas caracteriza-se pelo desejo incontrolável, de consumir uma determinada droga, de forma esporádica ou contínua (Bevan, 1984).

Contudo, Sanchez e outros (1982) refere que a dependência física e a dependência psíquica definem-se separadamente, embora possam ocorrer em simultâneo. A dependência física é um processo inerente na adaptação do organismo à droga, independentemente da vontade do indivíduo. Quando o indivíduo se priva desses consumos, vivencia uma reação comum, denominada de *síndrome de abstinência*. A dependência psíquica traduz-se fundamentalmente pela ocorrência de um impulso incontrolável, que leva o sujeito ao consumo imediato de droga com o intuito de evitar mal-estar ou para produzir prazer.

Considerando todas estas definições irrefutáveis, não podemos deixar de parte, o facto de todas elas deixarem transparecer uma visão do problema de uma forma mecanicista, não valorizando as motivações intrínsecas dos indivíduos envolvidos, assim como os diversos fatores que intervêm no problema. Para uma visão mais holística desta problemática é fundamental a contribuição de diversas ciências destacando-se o humanismo, a fenomenologia, a psicologia e a antropologia tornaram-se uma mais-valia para na sua compreensão. Constata-se assim que o consumo de drogas é um veículo de aquisição de prazer fácil e rápido.

1.2. Delito e comportamentos delituosos

Para Formiga e Gouveia (2003), a conduta dos indivíduos é considerada como algo dinâmico que geralmente se associa a um procedimento moral, cuja compreensão passa efetivamente pelo contexto onde o comportamento ocorre. Já Nucci (2005) menciona que a conduta implica uma ação consciente e voluntária da inercia do corpo, com vista a atingir um determinado objetivo ou finalidade, sendo considerada em última instância a manifestação da personalidade do ser humano. Nesta linha de pensamento, diferentes autores, tem-se debruçado sobre a temática na tentativa de explicar e compreender os motivos que originam um determinado comportamento e neste sentido baseiam-se em

teorias da personalidade, tendo em consideração os fatores internos inerentes aos indivíduos (Paunonem & Ashton, 2001). Outros por seu turno mencionam a influência dos fatores sociais, como preditores do comportamento (Matthews & Shimoff, 1990).

Skinner (1984) apresenta um modelo explicativo para o comportamento humano, que seria segundo o autor constituído, por dois processos complementares: a variação e a seleção, que atuariam em três níveis distintos: filogênese, ontogênese e práticas culturais. A variação, de acordo com o Skinner, tem que ver com uma tendência à não repetição do comportamento. Já a seleção, seria fomentada pelo ambiente, e desta forma incluía a retenção diferencial de certos padrões comportamentais.

Para Lester (1995) o comportamento humano pode ser explicado, com base em três abordagens distintas: intrapsíquicas, fisiológica, e na aprendizagem. Contudo, é importante salientar que o comportamento humano é mediado por um conjunto de fatores que consideram o ser humano, como um ser bio-psico-social.

No entanto, quando nos debruçamos sobre os comportamentos delitivos, compreendemos que, atualmente, na literatura científica ainda existe uma escassez de estudos (a nível nacional e internacional) que promovam a compreensão de como ocorrem os comportamentos delituosos. Por outro lado, quanto à definição do conceito percebemos que ainda não existe um consenso entre os autores que se dedicam ao seu estudo, sendo este um dos fatores que inevitavelmente pode contribuir para que seja notória a escassez de estudos, principalmente os estudos a nível nacional. Posto isto, alguns autores propõem que encaremos o conceito de comportamento delitivo, como sendo aquele comportamento, que mesmo não sendo ilegal se apresenta como prejudicial para a sociedade (Gouveia, Santos, Pimental, Diniz & Fonseca, 2009). Contudo, os estudos científicos enfatizam que as condutas delitivas, cada vez mais se apresentam como preditores do desenvolvimento de comportamentos desviantes. Nesta

perspetiva, a conduta delitiva é tida como uma dimensão do constructo antissocial (Thornberr & Krohn, 2000). Nesta linha de pensamento, Seisdedos (2008) identifica dois comportamentos considerados socialmente como desviantes, sendo eles: os comportamentos antissociais e os comportamentos delitivos. Assim, para o autor supracitado, de uma forma sucinta, os comportamentos antissociais são definidos como a não consciencialização das normas, sendo que a não consciencialização posteriormente causa incomodo a terceiros. Já os comportamentos delitivos, segundo o autor, são merecedores de punição, visto que podem causar danos graves (físicos ou morais), no individuo ou para a sociedade, sendo este tipo de comportamento mais comuns nos jovens.

Martins (2005) considera que a adolescência é a fase do ciclo vital, onde ocorrem maiores transformações a nível físico, psicológico e social. Por este ser um período envolto em incertezas e inquietações acontece que por inúmeras vezes, que os adolescentes tentam desafiar as regras, que a sociedade lhes impõe e desta forma vão progressivamente, criando conflitos que de forma inconsciente se prolongam no tempo (Simões, 2007). Contudo, a persistência destes comportamentos, apresentam a médio e longo prazo, consequências graves tanto para o jovem como para aqueles que lhe são próximos (família e amigos) e que se inserem no meio que o rodeia. Já Simões (2007) considera que o comportamento de risco que tende a estar associado à adolescência é a delinquência. Nesta linha de pensamento, Negreiros (2003) menciona que o aumento dos comportamentos delituosos se denotam sobretudo na adolescência, sendo o início da atividade delituosa assinalado por volta dos 14 anos e a propensão para o pico da atividade delinvente por volta do 17/18 anos. Importa aqui salientar que a relação entre a idade e o aparecimento dos comportamentos delituosos reveste-se de um

inigualável interesse para a comunidade científica, nomeadamente no que respeita aos processos de mudança (Negreiros, 2008).

Neste sentido a análise da curva da idade tem sido, nos últimos anos, um dos aspetos mais estudados, sendo agrupados com base na propensão criminal e abordagem das carreiras criminais.

Sabe-se entretanto, que toda a conduta antissocial advém as condutas delitivas, como crime (Formiga, 2002). Como constatamos, percebe-se que na maioria dos estudos realizados, os jovens encontram-se maioritariamente envolvidos nas condutas delitivas, provavelmente por serem mais suscetíveis de transgredir as normas e as regras sociais. Contudo, tal não significa que estes comportamentos não perdurem para a vida adulta (Coelho, 2001). Nesta perspetiva Benavente (2002) menciona que a transgressão é algo necessário ao desenvolvimento e também à aprendizagem, sendo encarada como um meio de aquisição de novas formas de socialização. Formiga (2003) menciona que a prática dos atos desviantes, pode ser agravada à medida que o sujeito vai cometendo pequenos desvios na sua conduta, podendo mesmo em casos mais graves chegar à prática de delito e originar em última instância a reclusão.

1.3. Trajetórias transgressivas

A análise das condutas desviantes ou criminais permite-nos compreender algumas características inerentes aos jovens. Neste sentido, os estudos preconizados tem -se focado essencialmente das características individuais e não somente no tipo ou na frequência dos atos delinquentes. A noção de trajetória transgressiva apareceu numa primeira fase no campo da Sociologia, e posteriormente foi introduzida no campo do comportamento desviante. O primeiro estudioso a dedicar-se à descrição dos tipos de trajetórias foi Loeber (1993) onde procede à distinção de três tipos de condutas delinquentes: aberta, coberta e conflitos precoces com a figura de autoridade. Para o

autor supracitado, cada trajetória tem em comum o facto de em todas elas, o comportamento disruptivo se manifestar inicialmente em casa, progredindo mais tarde para o contexto escolar e posteriormente para o contexto comunitário, manifestando-se através de atos violentos para os seus significativos (grupo de pares e pais) estendendo-se mais tarde aos desconhecidos (Quinsey, Skilling, Lalumière & Craig, 2004).

Matza (1957, cit in Tapparalli, 2000) com a sua teoria procede também à explicação do processo através do qual o individuo se torna desviante. O autor, rejeita o conceito de subcultura, pois considera que o individuo com comportamento desviante, pertence ao mesmo sistema de valores da restante sociedade. Assim, na sua teoria, defende a capacidade de escolha e a capacidade de decisão do próprio sujeito, visto que no seu entender é o individuo que construi a sua própria realidade. Neste sentido, as trajetórias desviantes são definidas por como um conjunto de categorias que se relacionam os papéis e atividades, através dos quais o individuo organiza a sua vida (Portela, 2004)

À semelhança das abordagens mencionadas, a teoria geral de Patterson (sobre os dois tipos de condutas desviantes) e a teoria de Moffit sobre a delinquência persistente e sobre a teoria limitada à adolescência, são teorias que no nosso entender, se devem inserir neste âmbito. Patterson na sua teoria sublinha os processos da aprendizagem social e enfatiza o papel que as interações sociais exercem do comportamento. Para o autor, os jovens que demonstram um comportamento delinvente numa idade mais precoce, tendem efetivamente a apresentar mais fatores de risco no contexto familiar. Assim, de acordo com esta abordagem teórica vão se desenvolvendo progressivamente na criança comportamentos antissociais que acabam por mais tarde ser generalizados a todos os contextos (Quinsey, et al., 2004). Nesta linha de pensamento, o autor menciona que o contacto com o grupo de pares, numa idade mais tardia, pode efetivamente reforçar as condutas desviantes no jovem.

Por seu turno Moffit (2006) considera que os problemas neurológicos podem efetivamente contribuir para que se desencadeiem comportamentos delinquentes no jovem. Para a autora, sujeitos expostos a contextos desfavoráveis, tem maior probabilidade de ocorrer em comportamentos de risco, posteriormente estes indivíduos com comportamentos delinquentes tem uma maior possibilidade de no futuro sofrerem de problemas neurológicos que lhes podem afetar a fala e o funcionamento executivo. Por outro lado, a autora considera que o número de sujeitos em que o comportamento se limitada à adolescência é muito reduzido, e que nesta fase do desenvolvimento os comportamentos podem mesmo ser tidos como normativos. Assim, a autora considera que, nesta fase da adolescência, os comportamentos são adquiridos sobretudo, através dos processos de socialização e tendem a desaparecer à medida que o jovem entrada na idade adulta.

Nunes (2011) alude à necessidade de contextualizarmos estes comportamentos sobre uma perspectiva de história de vida. No início do século XX, a biografia era apontada como a única via de compreender e explicar certos comportamentos e assim a história de vida do sujeito adquire enorme relevância. O método biográfico trata-se desde logo de um método interpretativo, que envolve a recolha de dados e o estudo dos documentos relacionados com a vida do sujeito, com especial ênfase para os momentos significativos do seu percurso. Assim, podemos considerar que este método permite a captura da informação relacionada com o funcionamento social e individual, facultando então o acesso a um grupo de sujeitos com diferentes particularidades.

Como constatamos, nos últimos anos, os autores destacam a importância de nos debruçarmos sobre uma perspectiva desenvolvimental, para compreendermos as condutas as trajetórias inerentes à delinquência.

Capítulo II – Vitimação e delinquência entre consumidores de drogas

2. Contextualização – vitimação, delinquência e drogas

Na sociedade portuguesa, a delinquência juvenil tem vindo a tornar-se um problema muito grave e com consequências preocupantes. Do nosso ponto de vista, este fenómeno terá tendência a aumentar, visto que emerge sobretudo de bairros problemáticos e de famílias com maiores carências económicas. Neste sentido, a vivência de grandes dificuldades económicas juntamente com o aumento do emprego e trabalho precário potencializa a exclusão social e consequentemente a emergência de desvios por parte dos adolescentes.

Os comportamentos desviantes podem ser considerados comportamentos de desvio às normas e expectativas sociais, sem que haja necessariamente uma infração legal, como é o caso da delinquência. Por vezes, o ato infracional acontece isoladamente, mas em geral procede de uma história construída ao longo da vida do adolescente. Neste contexto, as condições emocionais, a capacidade de resiliência e as características do entorno próximo - fatores peculiares a cada indivíduo - definem a maneira particular de enfrentar situações-problema (Silva & Rossetti-Ferreira, 2002). A grande maioria dos adolescentes que apresenta comportamentos antissociais faz parte, sem dúvida, do universo de adolescentes destituídos de rede de apoio, e de recursos sociais e emocionais.

Após uma revisão literária sobre este fenómeno constatamos que a complexidade deste fenómeno começa logo com a enorme variedade de terminologias e teorias explicativas. Diversas teorias e estudos empíricos das mais variadas áreas utilizam uma definição pouco clara acerca do fenómeno da delinquência.

Considerando a importância de aumentar a compreensão sobre este fenómeno, ao longo deste estudo vamos-nos debruçar sobre o fenómeno da delinquência, consumo de drogas e vitimação do jovem consumidor de drogas.

2.1. Consumo de drogas e práticas delinquentes

A delinquência juvenil tem sido alvo de vários estudos e investigações no domínio das ciências sociais e humanas. O aumento de transgressões cometidas por jovens, e que são classificadas como delinquência, tem vindo a alcançar grande visibilidade a nível social e científico. A delinquência é uma problemática em constante desenvolvimento que se tem vindo a propagar por todo o mundo com proporções assoladoras. É então notório que a delinquência nos jovens é um problema social grave e que tem vindo a aumentar. Os jovens praticam cada vez mais atos antissociais entre os quais podemos destacar o roubo, a agressão e oposição às normas sociais (Pais, 2012). As estatísticas oficiais do relatório de segurança interna (2010) demonstram que relativamente aos últimos cinco anos houve um decréscimo da delinquência juvenil.

Na literatura, os termos delinquência e comportamento anti-social são frequentemente utilizados de forma indiscriminada. Contudo, quando se fala em delinquência, torna-se essencial ter consciência da forma como se emprega o conceito, visto que existem perspetivas distintas que resultam do campo sociológico e jurídico. Porém, não existe uma definição que seja absoluta. Em termos gerais trata-se de uma problemática que se encontra sujeita a várias formas de interpretação (Binder, 1987).

O conceito de delinquência tem sido aplicado à investigação clínica e criminológica. Nesta linha de pensamento, o conceito de delinquência pode então ser definido em função de critérios jurídicos, aludindo à transgressão ou à violação das normas sociais, assim como se pode confundir com o conceito de conduta antissocial (Vermeiren, 2003). O conceito de conduta antissocial, por norma, encontra-se associado aos comportamentos que violam as normas e expectativas sociais (Negreiros, 2001).

Formiga e Gouveia (2003) definem conduta antissocial como o não ter consciência das normas que devem ser respeitadas e que vão desde a não poluição dos espaços públicos ao (des)respeito pelos colegas. Neste sentido, a conduta antissocial é marcada pelo incômodo que causa aos outros, mas sem qualquer tipo de dano físico, ou seja, são as brincadeiras dos jovens quando tentam quebrar as regras da sociedade. Neste sentido, a delinquência é encarada como uma categoria que reporta aos atos desenvolvidos por crianças ou jovens, que à luz da lei configuram a prática de um crime, mas que pela idade dos sujeitos intervenientes beneficiam de uma situação de inimputabilidade (Binder et al., 2001). Assim, comportamentos antissociais encontram-se intrinsecamente relacionados com a incapacidade dos indivíduos se ajustarem às normas da sociedade e ao respeito pelo direito das outras pessoas (Frick, 1998). Contudo, as condutas mais severas (como o roubo ou furto) representam uma violação à lei (Pimentel, 2004). Sabe-se que estas condutas interferem nos direitos e deveres das pessoas ameaçando o seu bem-estar (Formiga, 2002).

Selosse (1976, cit in Carvalho, 2004) define delinquência como sendo um comportamento que transgredir as normas e valores de uma sociedade num dado momento da sua evolução. Esta transgressão tem por efeito desencadear um mecanismo social de reprovação e de sanção, reflexo de uma reação coletiva que ultrapassa o quadro familiar e educativo para suscitar intervenções administrativas ou judiciárias. Sintra, Lopes e Formiga (2011) definem a conduta delincente como sendo um comportamento problemático, capaz de causar danos graves, morais ou físicos e que representa uma ameaça eminente à ordem social vigente. A delinquência juvenil pode ser vista de maneiras distintas. Atos como um pequeno furto ou agredir uma pessoa são encarados pela sociedade e pelas autoridades de formas distintas (na perspetiva da quebra de condutas sociais ou na perspetiva de manifestação de um processo de

socialização), mesmo assim, são comportamentos que são perpetrados de forma cada vez mais frequente pelos jovens e, por isso, têm vindo a ser comportamentos mais tolerados pela sociedade (Eklind & Klintberg, 2009). Apesar de um grande número de jovens se envolver esporadicamente em atos de transgressão ou em atos ilegais, apenas uma minoria comete atos graves de forma constante, sendo que essa minoria é responsável pela grande parte dos atos delinquentes cometidos, como por exemplo roubo e agressão física (Loeber & Farrington, 2001; Nagin & Tremblay, 1999). Ao longo dos tempos tem vindo a constatar-se que existe de facto uma relação entre a idade e a prática criminal, existindo uma correlação positiva entre as respetivas variáveis. Segundo Negreiros (2001) é na adolescência que se verifica um aumento da prática criminal, atingindo esta o seu pico aos 17 anos.

A maioria dos autores que se dedica ao estudo da delinquência utiliza esse conceito para se referir a transgressões à lei praticadas por adolescentes e, em algumas culturas, é recorrente o uso do termo delinquente ou marginal com o objetivo de estigmatizar quem não se enquadra nos padrões sociais aceites (Negreiros, 2002). A relação entre adolescência e os atos de transgressão é normal e é quase obrigatória, sendo por isso aceite que a transgressão é necessária para o desenvolvimento pessoal e é integrante do processo de aquisição de novas competências de socialização (Negreiro, 2002). A transgressão está então relacionada com as estratégias de resolução de conflitos no sentido da adaptação, o comportamento antissocial, na adolescência, é considerado por alguns autores como sendo normativo e é interpretado como uma tentativa de expressar a autonomia (Aguilar, Sroufe, Egeland & Carlson, 2000). Por outro lado, Silva (2002) defende que a delinquência é um quadro estável e duradouro, o que faz com que se distinga o fenómeno delinquente dos atos típicos de socialização dos adolescentes.

Os estudos realizados sobre a delinquência juvenil ao longo dos tempos têm vindo a demonstrar que estes comportamentos são estáveis ao longo da vida, e como tal há uma maior tendência para se virem a tornar delinquentes e a cometerem crimes graves e de forma continuada (Negreiro, 2002).

Para efeitos desta investigação, segue-se a ideia por Hirschi (1969) segundo a qual a delinquência juvenil é definida pelos atos cuja deteção e identificação provoca uma reação social sobre quem os pratica, Assim, mais do que falar em jovens delinquentes, o que está efetivamente em causa são os atos designados por delinquentes, cuja classificação varia em função dos quadros normativo- jurídico vigentes em cada época e em relação aos quais determinados atos se tornam passíveis de uma reação social, independentemente de existir ou não prova jurídica.

Como constatamos, o fenómeno da delinquência, não se reduz a uma definição simplista, visto que esta é considerada por muitos autores como uma problemática multidimensional.

No entanto, quando nos debruçamos sobre o consumo de drogas e a prática de comportamentos delinquentes, compreendemos que na nossa sociedade, numa atitude de imprudência, ainda persiste a associação direta entre os comportamentos desviantes e o consumo de toxicodependências. Nesta linha de pensamento, Patrício (2002) menciona que a ideia anteriormente apresentada, não passa de um estereótipo e de uma crença, na opinião do autor supracitado é uma violência rotular de delinquente, todo o sujeito toxicodependente, anda que muitos possam ao longo do seu desenvolvimento cometer delitos, que podem ou não ser associados ao uso de substâncias. Contudo, o problema torna-se ainda mais preocupante, quando tomamos consciência das elevadas taxas de consumo, das várias substâncias na população juvenil. Para além do mencionado, é sabido que os consumos nos jovens incluem uma grande diversidade de

substâncias auto administradas, cujas consequências, são na maioria das vezes impressionáveis (Nunes 2011). Pelo que acaba de ser referido, um dos indicadores da ocorrência de consumo de drogas e práticas criminais, reside no facto de, os estabelecimentos prisionais, se encontrarem muitos indivíduos toxicodependentes que de alguma forma se encontram ligados ao mundo da droga (Torres & Gomes, s.d., cit in Nunes, 2011). Pela prevalência da ideia que o consumo de drogas estaria da origem do crime, várias abordagens teóricas e estudos científicos tem sido realizados, com o intuito de proceder à explicação e delimitação da interação dos dois fenómenos.

Peixoto (2005) leva a cabo um estudo, no âmbito nas dependências e da violência onde estabelece uma relação entre estes dois fenómenos, considerando que faz sentido estabelecermos uma ligação entre o consumo e a criminalidade/ violência, mas não faz qualquer sentido estabelecer um paralelismo direto entre a delinquência e o consumo de drogas. Com base nos resultados provenientes do seu estudo, o autor supracitado denota que o consumo de substâncias ilícitas tem menor potencialidade de originar atos de violência quando comparado com o álcool. Assim, para Peixoto (2005) a relação instituída entre o consumo de droga e os atos delinquentes deve ser abordada numa perspetiva complexa e multivariada.

No entanto, apesar de existir uma dificuldade iminente em estabelecer uma relação direta entre o consumo de drogas e a delinquência, vários autores, vão enumerando um conjunto de situações onde a criminalidade surge devido ao efeito do consumo. Os estudos científicos desenvolvidos neste âmbito permitem levar três hipóteses explicativas que estarão na origem da relação entre os dois fenómenos. Duas destas teorias remetem para um dos comportamentos como gerador e do outro, enquanto a terceira hipótese menciona a inexistência de qualquer relação entre os dois fenómenos (Bean, 2004, cit in Nunes, 2011).

Neste sentido, Gonçalves (2002) deixa patente que embora alguns estudos permitam estabelecer uma ligação o consumo de substâncias e os comportamentos criminosos, a ligação existente entre estes dois fenómenos está, no seu entender, longe de ser linear. Sob os argumentos apresentados e partindo das hipóteses que a droga é causadora do desenvolvimento de comportamentos criminosos, progressivamente começam a surgir três razões que sustentam as hipóteses apresentadas. Assim, a primeira razão pressupõe que o consumo de substâncias desencadeia, alterações comportamentais e consequentemente esta alterações provoca atos criminais. O segundo argumento reside na prevalência e necessidade sentida pelo indivíduo para sustentar os seus consumos, originando as práticas criminosas. Por fim, temos de ter em consideração os fatores culturais e as sub-culturas inerentes ao mundo da droga que também promovem comportamentos delinquentes (Nunes, 2011).

É nesta sequência que se desenvolveu uma abordagem multidimensional, como forma de proceder à compreensão do fenómeno sob múltiplas formas. Perante esta panóplia de abordagens explicativas Brochu (2006) propõe um modelo interativo como forma de proceder à explicação do fenómeno enfatizando que nenhuma das abordagens, que apresentamos de seguida, está totalmente errada, mas que tal não é suficiente para a sua compreensão. Assim, na área da “psicofarmacologia” o consumo de droga origina violência. Sob o olhar do “modelo económico” o uso da droga provoca dependência e a necessidade de adquirir dinheiro vai originar o que o autor denomina por delinquência aquisitiva. Por fim, o modelo sistémico debruça-se sobre a análise destes fatores numa perspectiva de interação entre o meio e o indivíduo, propondo que o meio favorece a compra de droga e posteriormente atos delinquentes.

Por seu turno, Manita (2002) destaca a dificuldade em estabelecer fidedignamente uma relação entre a droga e o crime, justificando que atualmente ainda são escassos os

estudos científicos que se dedicam à análise entre o consumo de droga e a prática de crimes.

2.2.O jovem toxicodependente – ofensor e vítima / análise de modelos teóricos

O estudo da toxicodependência, como constatamos ao longo deste trabalho, apresenta-se como um fenómeno estreitamente relacionado com outras problemáticas, entre as quais podemos destacar: a prostituição, pobreza, exclusão social e criminalidade (Nunes & Sani, 2014). Para as autoras, a estas situações que se associam à dependência de drogas, acrescentam a complexidade ao fenómeno e a observação do individuo fase ao consumo de substancia sobre a perspectiva de ofensor e vítima. Pela sua conduta e pelos estilos de vida que adotar, o jovem toxicodependente, na maioria das vezes acaba por estar sujeito a fatores que aumentam o risco de vitimação.

Nesta perspectiva, Maccoun, Kilmer e Reuter (2003) mencionam que o jovem toxicodependente quando se encontra sob o efeito de substâncias ilícitas está extremamente frágil e corre o risco de facilmente ser alvo de roubos ou agressões (físicas ou verbais). Os autores supracitados, consideram ainda que o toxicodependente exhibe uma aparência física que provoca algum choque que inevitavelmente acaba por se refletir no seu comportamento, e no seu discurso, despertando a atenção por parte dos potenciais agressores. Por outro lado, o estado de intoxicação leva igualmente à exteriorização de comportamentos imprevisíveis e duvidosos, bem como à incapacidade cognitiva para percecionar e decifrar os estímulos e sinais que recebe no meio que o rodeia. A estes motivos, os autores acrescentam as especificidades dos próprios mercados, onde toxicodependentes e delinquentes se cruzam na busca de mercadoria (Nunes, 2011). Ora, nesta perspectiva e com o intuito de compreender este fenómeno começam a emergir modelos explicativos.

Alguns modelos, como o Psicofarmacológico, o Económico-Compulsivo, o Sistémico e o Tripartido, defendem a ideia de que o consumo de drogas pode desenvolver atos delinquentes (Goldstein, 1995; Goldstein, Bellucci, Spunt & Miller, 1991). Assim, o modelo psicofarmacológico explica a forma como o efeito de substâncias tem influência nos comportamentos do ofensor, acabando por lhe facilitar a passagem para o ato criminoso (Nunes, 2011). Já o modelo económico- compulsivo, encara o sujeito como um potencial ofensor devido ao seu estado de dependência pode ser facilmente uma vítima, perante o mundo da ilegalidade (DeBeck, Shannon, Wood, Li, Montaner & Kerr, 2007). À luz deste modelo, pode, assim, interpretar-se a toxicodependência como uma doença, sendo os comportamentos dos indivíduos determinados por essa patologia (Nunes, 2011). Outros modelos como o sistémico, referem que a violência, se encontra presente nos, mercados ilegais sendo elementos que potenciam as práticas violentas e delituosas. Em termos sistémicos, o indivíduo não é visto como violento, contudo, à luz deste modelo a violência deve ser vista como uma prioridade, no que concerne à análise do fenómeno da droga (Bean, 2004; Brochu, 2006). Por último, segundo o modelo Tripartido, apresentado por Goldstein, a conjugação de vários fatores apresentados nos modelos anteriores apresenta-se como a explicação da relação entre o consumo de drogas e as práticas antissociais (Goldstein, 1995). Assim, o autor defende que a conjugação dos efeitos psicofarmacológicos das drogas, dos elevados custos de drogas ilegais e o ambiente de violência nos mercados ilegais de droga seriam a explicação para as práticas delinquentes, sendo que o indivíduo poderia cometer atos delinquentes devido a qualquer um destes fatores (Goldstein, 1995; Goldstein et al., 1991).

Segundo Nunes e Sani (2014) existem outros modelos que abordam as razões para que o jovem consumidor pratique ações delinquentes, e para que este seja igualmente

vitima e vulnerável, no que concerne às suas próprias ações. Nunes e Sani (2014) salientam que existem, atualmente, várias abordagens teóricas, no que concerne, ao consumo problemático de drogas e à vitimologia, deixam clara a ideia que o toxicodependente se encontra exposto à vitimação. Neste sentido, as teorias que procuram explicar este fenómeno, destaca-se o modelo de Peele (1985, cit in Nunes & Sani, 2014) que procura explicar o comportamento de adição, tendo como base o papel que as drogas têm sob o desenvolvimento de um estilo de vida saudável.

O próprio estilo de vida pode então ser considerado como um preditor à vitimação, Peele (1985) acrescenta a ideia de que a interpretação que o individuo faz de si e do meio que o rodeia acaba por condicionar a sua personalidade e o seu estilo de vida. Nesta perspetiva, Nofzger e Stein (2006, cit in Nunes & Sani, 2014) mencionam que quando o estilo de vida se encontra estreitamente relacionado com os comportamentos desviantes, existem mais oportunidades para que os indivíduos se envolvam no mundo do crime. Fase ao exposto e como forma de corroborar a ideia apresentada surge a teoria das atividades rotineiras, que procede à explicação de como alguns indivíduos, pelo estilo de vida que adotam aumentam significativamente o risco de se envolverem em comportamentos ofensores ou de vitimização (Nunes & Sani, 2014).

2.3.A Vitimação e Delinquência no jovem consumidor de drogas – os estudos

A literatura científica e os autores tem demonstrado um crescente interesse pela vitimação, visto que as problemáticas inerentes à vitimação, tem sido fonte de incentivo para a ocorrência de mudanças importantes, nomeadamente as mudanças de cariz legislativo e interventivo. O fenómeno da vitimação surge assim representado nas suas diversas vertentes (Sani, 2011).

Nunes (2006) considera que todas as crianças que são expostas frequentemente à violência ou que são vítimas de maus tratos, podem eventualmente desenvolver

condutas delinquentes. Neste sentido, a família continua a ser apontada como um contexto de proteção, capaz de proporcionar um sentimento de segurança e ainda os cuidados necessários ao nível do desenvolvimento adequado da criança (Sani, 2011). Widom (2010) menciona que a investigação e os estudos científicos tem demonstrado a relação existente entre a exposição à violência interparental e o contato com a justiça pela adoção de comportamentos desviantes. Nesta linha de pensamento, Ford (2006) analisam o impacto psicológico dos episódios de violência entre progenitores e mencionam que estes despoletam reações emocionais que desencadeiam posteriormente problemas de comportamentos implícitos à delinquência juvenil.

A violência é um fenómeno dinâmico que não se limita a grupos sociais, económicos ou geográficos específicos, sendo a sua definição complexa e paradoxal, pois é um fenómeno dinâmico e em constante modificação (Machado, 2010). Waiselfisz (2002, cit in Machado, 2010) refere que, hoje em dia, não existe uma “violência”, mas sim uma multiplicidade de manifestações de violência ou de atos violentos, sendo que a dificuldade de definição do conceito advém dos diferentes atos que possuem um enquadramento subtil, como é o caso da violência emocional ou do abuso verbal.

O termo “violência”, do ponto de vista etimológico, deriva do latim *violentia*, que significa carácter bravio, força (Machado, 2010).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (1996) a violência é o uso de força física ou de poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (Mercy, Rosenberg, Powell, Broome & Roper, 1993, cit in Dahlberg, Krug & Etienne, 2007).

Tendo em consideração, que a violência e a delinquência juvenil são fenómenos multidimensionais, não podendo assim se estabelecer, como constatamos, uma relação

de casualidade direta entre ambas, é perceptível, no entanto, que muitas das situações de perigo constituam fatores de risco que potenciem a delinquência (Widom 2010). Neste sentido, Widom (2010) menciona que a investigação, realizada neste âmbito, tem apontado uma relação direta entre a vivência de uma situação de violência e o contacto com a justiça pela adoção de comportamentos delinquentes. A autora supracitada analisa quatro estudos realizados, nos Estados Unidos e com base nos resultados obtidos, destaca o facto de estas investigações terem também, encontrado uma relação entre o vivenciar uma situação de vitimação na infância e a posterior adoção de comportamentos violentos ou delinquentes na idade adulta. Widom (2010), menciona que para além da relação entre a violência e a adoção de comportamentos delinquentes, existe a constatação que a vitimização, afeta múltiplos domínios do funcionamento do individuo, destacando, os problemas cognitivos, tentativas de suicídio, *stress* pós traumático, problemas do foro comportamental e social. Nesta linha de pensamento, Peixoto e Ribeiro (2010) referem “que não se pode estabelecer de uma forma simples e direta a relação de casualidade entre uma determinada vivencia e uma posterior sintomatologia” (p.10).

Efetivamente, a investigação científica tem aponte como fortes preditores entre a vitimização e a adoção de comportamentos delinquentes, a existência de fatores como a violência, práticas educativas parentais demasiado rígidas, a falta de supervisão e a rejeição por parte da figura materna, bem como as características inerentes à própria criança (Sampson & Laub, 1993, cit in Levitt, 2010). Para além do mencionado, Fonseca e Simões (2002) após procederem à análise dos estudos longitudinais, nesta área, concluíram que a dinamica familiar, a negligência e a vinculação, também são tido como fatores de risco para a delinquência.

Contudo, quando nos debruçamos sobre o envolvimento do jovem em condutas desviantes, compreendemos que o uso das drogas pode ser considerado como uma forma de rebeldia. No entanto, as estatísticas e os estudos científicos demonstram que o consumo de substâncias atua no cérebro provocando no indivíduo a prática de condutas anti- sociais, destacando-se a agressividade e a espontaneidade do sujeito, que dessa forma, reunirá as condições para a manifestação dos comportamentos delituosos (Nunes, 2011).

Existem evidências que nos permitem afirmar que não só muitos indivíduos se envolvem no consumo de drogas, após terem iniciado outras atividades criminosas. Chalub e Telles (2006, cit in Nunes, 2011) nas suas pesquisas, realizadas entre 1986 e 2006, apontam para a associação entre o uso de drogas e a propensão para a criminalidade destacando um elevado número de ações violentas. Também Bennett e Holloway (2005, cit in Nunes, 2011) debruçam-se sobre o consumo de drogas e procuram averiguar os seus efeitos no comportamento delincente. Nesta perspectiva, são levados a cabo alguns estudos, com o intuito de enfatizar casos em que se verifique os comportamentos delinquentes em estado de intoxicação. Nesta vertente, surge o estudo de White, Tice, Loeber e Stouthamer- Lober (2002, cit in Nunes, 2011) realizado com 506 indivíduos do sexo masculino, em que os sujeitos relataram ter cometido mais ofensas a terceiros quando estavam sob o efeito do álcool ou sob o efeito de drogas. Por outro lado, os autores constataam que a delinquência no jovem consumidor de drogas está também estreitamente relacionada com as questões monetárias e do sustento.

Assim, a propósito desta vertente, tem sido desenvolvidos alguns estudos que apontam que o custo das substancias como um dos fatores inerentes ou fenómeno da delinquência e do consumo de drogas. De facto, os estudos, realizados neste âmbito,

concluem que existem elevadas percentagens de jovens consumidores que mencionam a obtenção de ganhos através de atividades ilícitas (Nunes, 2011).

Nesta linha de pensamento, Anglin e Speckart (1986, cit in Nunes, 2011), mencionam que no decorrer na sua análise constataram que muitos dos consumidores apresentam elevadas taxas de participação em crimes, nos períodos em que os seus consumos se encontram mais descontrolados, ao contrário do que se verifica no período em que se encontram em tratamento. Assim, atente-se que o consumo de drogas tem um impacto significativo sobre a delinquência e sobre a criminalidade. No entanto, segundo Nunes (2011) temos de ter também em consideração a influencia que o meio exerce sob o consumo de drogas.

2.4.Avaliação da Vitimação entre Dependentes de Drogas

A necessidade de se criarem instrumentos que permitam a avaliação da vitimação entre consumidores de drogas torna-se fundamental na medida em que o acesso a esta informação é difícil. Os motivos para este facto podem prender-se com o toxicodependente não querer ser identificado com drogas pela polícia, de muitas vezes ser o mesmo que inicia os conflitos e a maior parte dos inquéritos não identificarem o papel que as drogas apresentam a esse nível (Goldstein, 1985).

Neste sentido, e uma vez que os inquéritos desenvolvidos até ao momento parecem não dar resposta a muitas das questões centrais sobre a relação entre consumo de drogas e vitimação, Nunes e Sani (2014) desenvolveram um questionário que permite fazer o levantamento de informações que nos permitem recolher informações sobre a vitimação de indivíduos com história de consumo de drogas.

Baseado nas recomendações de Hill e Hill (2002, cit in. Nunes e Sani, 2014), este questionário assenta em três categorias. A primeira diz respeito à história e aos padrões

de consumo de substâncias, a segunda relativa às situações de vitimação ocorridas antes dos consumos e a última às situações de vitimação ocorridas já na fase de consumos.

Este questionário, diretivo e estruturado, é assim constituído por quatro partes. A primeira parte do questionário diz respeito aos dados sociodemográficos e é seguida das três partes apresentadas.

O pós-teste permitiu, por sugestão dos inquiridos acrescentar algumas questões na última parte.

2.5. Alguns Estudos Relevantes

Como mencionado anteriormente a delinquência juvenil é um problema social que atualmente tem vindo a ganhar visibilidade, devido à complexidade do fenómeno. Assim, estudar a problemática da delinquência é uma tarefa extremamente desafiante. Os estudos nesta área tendem a focar-se nos jovens, na fase da juventude amplamente referenciada na literatura científica como a que corresponde ao pico na prática deste tipo de atos.

Nas últimas três décadas, surgiram inúmeros estudos científicos, de carácter descritivo, explicativo, preventivo e interventivo, sobre a delinquência juvenil. Os estudos mais clássicos sobre a delinquência juvenil de Farrington (2002), Fonseca (2000, 2002) mencionam que o envolvimento em comportamentos de risco aumenta com a idade e os rapazes são mais propensos a desempenhar este tipo de comportamentos (Daeter-Deckard, Dodge, Bates & Pettit, 1998, Moffitt & Caspi, 2001, cit in Simões et al., 2008; Farrington, 1987; Fergusson & Horwood, 2002; Henggeler, 1989; Pleban, 2002). No geral, os rapazes cometem entre duas a cinco vezes mais atos delinquentes do que as raparigas (Marcotte et al., 2002).

Borduin e Schaeffer (1998) mencionam que o sexo masculino apresenta índices consideravelmente mais elevados de distúrbios de conduta e problemas de comportamento antissocial quando comparado com o sexo feminino. Farrel e colaboradores (2005, cit in Fernandes, 2008) partilharam, de igual modo, a conceção de que o sexo masculino apresenta uma atividade delituosa superior. Também Moffit, Caspi e Rutter (2001) realçaram de acordo com os autorrelatos de delinquência juvenil, que os rapazes cometem mais ofensas do que as raparigas.

Numa investigação levada a cabo com 600 adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, foi possível verificar que 64% dos participantes já tinham praticado algum tipo de violência (Serquino-Ramiro, 2005).

Também as estatísticas da justiça Portuguesa identificam os escalões etários mais jovens (até aos 29 anos) como os mais representados entre as vítimas de agressão. Grande parte destes episódios de vitimação parece ocorrer em contextos relacionais de intimidade, nomeadamente em relações de namoro (Caridade & Machado, 2008).

Os dados estatísticos divulgados pelo Relatório Anual de Segurança Interna RASI revelam que no ano de 2010, foram registados pelas autoridades (GNR e PSP) um total de 3.880 de ocorrências relacionadas com a delinquência juvenil. Contudo, em 2011 os dados sofreram um decréscimo em relação ao ano anterior. Foram registados um total de 1.978 casos. Já no decorrer do ano de 2012 as ocorrências registadas pelas autoridades aumentaram tendo sido registados um total de 2.035 casos. No que respeita aos jovens internados em centros educativos, os dados revelam que existiram um total de 287 jovens que cometeram crimes contra a propriedade, roubo e furto.

Tyler e Melander (2012) afirmam que os jovens que são expostos a maus tratos parentais e a negligência parental podem estar em grande risco de se envolverem numa relação violenta, ou seja, as experiências familiares negativas podem estar relacionadas

com os comportamentos antissociais com o uso de drogas e com a prática de comportamentos violentos.

Para Hunter, Figueredo, Malamuth e Becker (2004) existe uma forte relação entre a exposição dos jovens a modelos masculinos com comportamentos antissociais e a delinquência e agressão não sexual. A exposição a tais modelos pode aumentar o risco de comportamentos violentos e delinquentes, enquanto a exposição a grupos de pares socialmente desviantes pode levar a um aumento da agressividade e à perpetuação de comportamentos antissociais. Estes efeitos negativos permanecem fortes mesmo controlando outros fatores de risco como a violência familiar, e são resultado da internalização de valores antissociais, modelos desviantes e reforços sociais dos comportamentos e atitudes delinquentes.

As diversas explicações anteriormente apresentadas sobre as causas do desenvolvimento de comportamentos disruptivos espalham a complexidade deste fenómeno. Neste sentido, as estatísticas oficiais relativas à delinquência juvenil são construções sociais ancoradas a determinados quadros jurídicos que são variáveis no tempo e no espaço (Carvalho, 2010).

Parte B – Estudo Empírico

Capítulo III – Metodologia

3. Método

No que se refere ao desenho de estudo, o mesmo assenta numa abordagem qualitativa, embora haja também acesso a dados de natureza quantitativa, uma vez que se procura a globalidade e a compreensão dos fenómenos, ou seja, a realidade sem que a mesma seja fragmentada e descontextualizada, conforme referem Almeida e Freire (2003). Este tipo de abordagem justifica-se por ser uma forma adequada de entender a natureza de um fenómeno social (Creswell, 1997). Deste modo, através da metodologia qualitativa é possível descrever a complexidade de um problema, analisar a interação de determinados fatores, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais e entender, em maior profundidade, as peculiaridades do comportamento dos indivíduos (Bogdan & Biklen, 2006). Ou seja, pela abordagem qualitativa procura-se aprofundar e melhor compreender a relação entre os comportamentos desviantes e vitimação com a história de consumos de drogas por parte dos inquiridos, muito embora não se percam de vista os dados mais quantitativos que também são recolhidos.

Para além disso, este estudo é exploratório, descritivo, transversal, observacional e baseado no autorrelato, através de um inquérito baseado na entrevista.

Deste modo, tendo em conta a revisão da literatura realizada e as opções metodológicas assumidas, procurou-se alcançar a obtenção de respostas para as seguintes questões centrais de investigação: i) Encontrar-se-ão regularidades biográficas que possam estar implicadas nas trajetórias desviantes destes jovens? ii) Estará presente a vitimação prévia aos consumos, afetando o processo de socialização destes jovens? iii) Identificar-se-ão situações de vitimação relacionadas com o consumo de drogas, entre estes jovens? iv) Reconhecer-se-ão as práticas delituosas associadas ao consumo de substâncias, entre estes jovens?

Assim, o objetivo geral deste estudo passa por compreender a eventual relação entre o consumo de drogas e a delinquência, bem como entre a vitimização e as trajetórias de consumos neste grupo de jovens. Mais especificamente, procura-se: i) identificar os padrões de consumo entre os jovens; ii) aceder/conhecer as trajetórias desviantes destes jovens; iii) identificar situações de vitimação sofridas prévia e posteriormente ao consumo de substâncias; iv) identificar eventuais regularidades, em termos biográficos, implicados nas trajetórias desviantes; v) reconhecer indicadores da prática delincente e da vitimação eventualmente associadas aos consumos de substâncias.

3.1. Caraterização da Amostra

A seleção da amostra seguiu critérios de inclusão previamente estipulados. Nomeadamente, o facto de os jovens terem idade superior a 16 anos, com diagnóstico de toxicod dependência e que estejam institucionalizados, a fim de que seja mais fácil o acesso aos mesmos.

Assim sendo, para o presente estudo, foi utilizada uma amostra não probabilística de conveniência, constituída por 15 jovens, sendo 12 (80%) do sexo masculino e 3 (20%) do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ($M=16,47$; $DP=0,64$), conforme se pode ver pela tabela 1.

Além disso, a grande maioria dos sujeitos apresentava o estado civil correspondente a solteiro (93,3%) e todos são estudantes. Quanto à escolaridade apenas um inquirido (6,7%) tem o primeiro ciclo, cinco (33,3%) o segundo ciclo, 8 (53,3%) o terceiro ciclo e apenas um (6,7%) o ensino secundário (Cf. Tabela 1.).

Tabela 1.
Caraterização sociodemográfica da amostra total (n=15).

SEXO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Masculino	12	80
Feminino	3	20
Total	15	100

IDADE	Mínimo	Máximo
	16	18

ESTADO CIVIL	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Solteiro	14	93.3
Casado/União de Facto	1	6.7
Total	15	100

ESCOLARIDADE	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
1º Ciclo (1º- 4º anos)	1	6.7
2º Ciclo (5º- 6º anos)	5	33.3
3º Ciclo (7º- 9º anos)	8	53.3
Secundário (10º- 12º anos)	1	6.7
Total	15	100

Após a apresentação dos dados sociodemográficos que permitiram caracterizar a amostra, passaremos à apresentação do material.

3.2. Material

Para a elaboração desta investigação foram utilizados instrumentos e materiais que passam a ser apresentados:

Um questionário (Nunes & Sani, 2014) com vista à recolha de informação referente a eventuais situações de vitimação sofridas pelos sujeitos. De acordo com as autoras, este questionário de vitimação é composto por quatro partes: a primeira permite-nos fazer o levantamento de dados sociodemográficos; a segunda diz respeito à história e aos padrões de consumo de substâncias; a terceira é relativa às situações de vitimação ocorridas antes dos consumos e a última às situações de vitimação ocorridas já na fase de consumos.

A declaração de consentimento informado (cf. Anexo A), cuja assinatura por parte dos participantes indica terem consentido em colaborar de livre e espontânea vontade

(Ribeiro, 1999), refere-se a um documento redigido pelo investigador onde consta toda a informação respeitante ao estudo, essencialmente o âmbito e finalidade do mesmo. Informa os participantes sobre o caráter de confidencialidade e anonimato dos dados, como forma de garantir uma participação livre e informada dos mesmos, tendo subjacente o cumprimento de requisitos éticos e deontológicos. No mesmo documento foi também solicitada autorização para a gravação da entrevista (cf. Anexo A). Houve ainda necessidade de solicitar o consentimento junto da instituição que detinha a representação legal dos jovens (cf. Anexo B).

Por último, elaborou-se um guião da entrevista (cf. Anexo C), semiestruturada e semidiretiva, que serviu de orientação ao longo da conversa. O guião foi elaborado propositadamente para o estudo de forma a obter informação no que diz respeito ao percurso existencial dos participantes e incluiu perguntas de resposta aberta e fechada, o que nos permitiu, assim, a obtenção de dados tanto objetivos como subjetivos (Boni & Quaresma, 2005). Anteriormente ao estudo, foi elaborado um pré-teste, com seis sujeitos, de forma a compreendermos a fiabilidade da referida entrevista. Verificou-se que a entrevista, tal como estava prevista no guião, era facilmente percebida e que as respostas eram também obtidas com facilidade.

Relativamente ao procedimento desenvolvido antes, durante e após a recolha de informação, importa referir alguns dos aspetos mais marcantes.

3.3.Procedimento

A primeira fase desta investigação passou pelo pedido de autorização ao diretor da instituição, por escrito, a fim de que fosse assegurada esta medida a que o investigador está obrigado. Uma vez obtida a autorização, estabeleceram-se com os profissionais da instituição os melhores dias para a recolha de dados.

Os participantes foram encaminhados pelos técnicos da instituição, tendo em conta os critérios de inclusão na amostra. Assim, os jovens que eram selecionados dirigiam-se a um gabinete onde a investigadora explicava todo o processo, enfatizando o carácter voluntário, anónimo e confidencial dos dados e explicação dos objetivos da investigação. Salienta-se também que foi elaborado um pedido para gravação da entrevista, sendo necessário que o sujeito estivesse de acordo com este procedimento. Após os participantes terem consentido em entrar na amostra do estudo, iniciou-se a entrevista, ao que seguiu o questionário. A duração do encontro com cada participante foi de aproximadamente 45 minutos, tendo sido cumpridos todos os procedimentos éticos e deontológicos exigidos para estas pesquisas.

Os dados, após terem sido organizados e ordenados, passaram a ser integrados numa base de dados construída através do uso do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), na sua versão 22, através do qual foram também inseridas as informações qualitativas após ter sido construído um sistema de categorias através da análise de conteúdo proposta por Bardin (2009). Segue-se a apresentação das categorias criadas e da forma como as mesmas foram emergindo.

3.4. A Categorização

Definidas as questões e objetivos deste estudo, elaborou-se o *corpus* de análise com a respetiva categorização e a definição de unidades de análise. Bogdan e Biklen (2006) refletem acerca da análise dos dados na metodologia qualitativa e afirmam que esta fase se traduz no trabalhar de todo o material recolhido no decorrer da pesquisa, ou seja, na organização da informação, de modo à obtenção de respostas ao problema proposto pela investigação. No que concerne aos dados obtidos através das entrevistas aos jovens estes serão trabalhados pela análise de conteúdo. A análise de conteúdo pressupõe que se estude exaustivamente os dados recolhidos com o objetivo de detectar as

semelhanças das respostas e permitir o seu agrupamento em categorias, favorecendo as interpretações finais (Almeida & Freire, 2003).

Tendo em conta o que foi referido, neste estudo procedeu-se à análise de conteúdo categorial (Bardin, 2009), sendo as etapas deste processo a escolha de documentos e a constituição de um *corpus* onde se formula os objetivos e se prepara os materiais (transcrição das entrevistas, formatação dos textos). Além disso, através da leitura das entrevistas procedeu-se à codificação através de uma análise semântica, criando as unidades de registo e conseqüente enumeração. Posteriormente passou-se à definição das categorias, que constituíram diferentes classes de resposta, dentro de cada subcategoria, o que permitiu a formulação de uma hierarquização categorial. Procurou-se ter em conta as características das boas categorias como a exaustividade, exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidelidade (Bardin, 2009). A figura 1 permite analisar o sistema de grandes categorias, do qual foram criadas subcategorias.

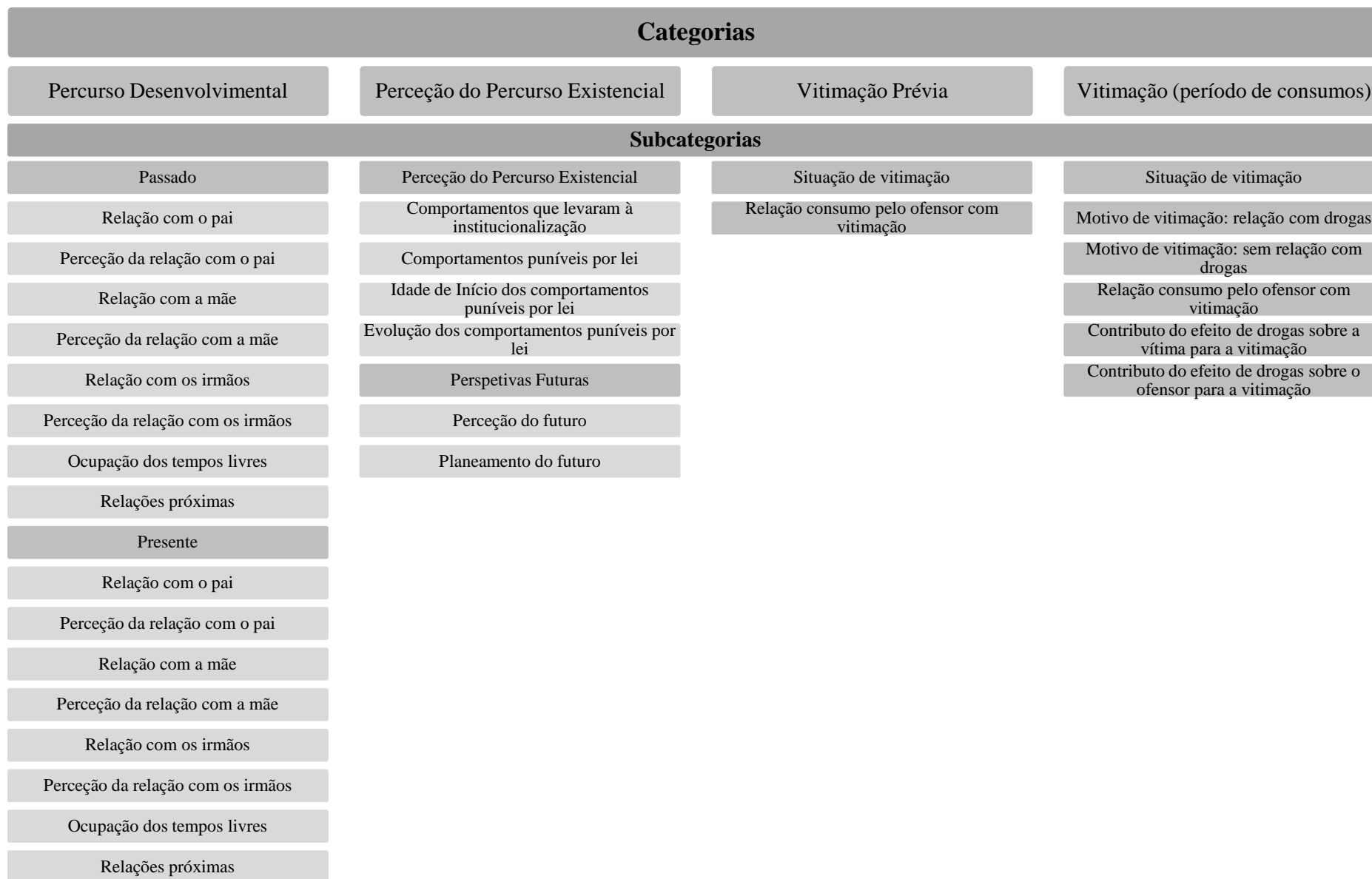


Figura 1.
Sistema de Categorias.

Assim, ao longo do processo de análise temática e categorial, foi-se desenvolvendo a classificação analógica e progressiva dos vários elementos até se criar o sistema de categorias que se passa a descrever.

A primeira grande categoria é designada de Percurso Desenvolvimental e contempla duas grandes subcategorias, as quais, por sua vez, integraram outras sete subcategorias correspondentes às classes de resposta dadas pelos inquiridos.

Desta forma, a primeira grande categoria é dividida na subcategoria passado/infância e presente/juventude. Em ambas as subcategorias mencionadas foram incluídos elementos referentes às relações dos participantes com os seus progenitores e irmãos e a percepção que os mesmos têm destas relações. Para além disso, pretendeu-se compreender como os jovens ocupavam os seus tempos livres antes e durante os consumos e quais as relações mais significativas em ambas as fases de vida.

Deste modo, a subcategoria Relação com o Pai teve em conta questões correspondentes à qualidade da relação estabelecida entre o participante e o progenitor, durante o período da infância e no período atual. Esta subcategoria inclui diferentes classes de respostas como ausente, no caso de pais que não participaram na educação dos seus filhos, quer por estarem casados mas a relação ser tão subtil que é como se não tivesse existido, quer por serem pais separados e ter pouco ou nenhum contacto com o pai pelo facto de o mesmo não ter participado no seu crescimento e educação. Para além disso, os sujeitos podiam identificar a relação como boa ou má ou ainda como indefinida no caso por exemplo de falecimento por parte do progenitor ou nunca o ter conhecido. A subcategoria Relação com a Mãe e Relação com os Irmãos seguem as mesmas classes de resposta que a subcategoria anterior, mas desta vez referente à mãe e aos irmãos, quer na infância, quer no período atual.

A subcategoria Percepção da Relação com o Pai levou em conta a explicação da relação identificada, ou seja, o porquê de o paciente ter indicado que a relação era boa, má, ausente ou indefinida. Esta subcategoria inclui diferentes classes de respostas como Boa, pelo amor ao/do pai; Boa, pelo desempenho do papel de pai; Má, pelos maus-tratos; Má, pelo estilo relacional distante; Ausente, pelo pouco contacto e Não se aplica, para os casos em que o inquirido identifica a relação como indefinida, ou seja, não conheceu o progenitor ou o mesmo faleceu. Do mesmo modo, a subcategoria Percepção da Relação com a Mãe compreende a mesma classe de respostas, quer em relação à infância quer ao período atual. Quanto à subcategoria Percepção da Relação com os Irmãos, do mesmo modo que as duas subcategorias mencionadas anteriormente, pretende responder à forma como o participante definiu a sua relação com os irmãos e compreende as seguintes classes de resposta: boa, pela união; má/fusional pelo sentido de posse e não se aplica, para o caso em que os inquiridos não têm irmãos, não os conheceram ou faleceram.

Uma outra subcategoria designada de Ocupação de Tempos Livres é relativa aos períodos da infância e atual, e levou em conta a realização de atividades dos sujeitos nos seus momentos livres. Esta subcategoria incluiu diferentes classes de respostas em função da infância e do momento atual. Assim, as classes de resposta que dizem respeito ao passado são: ATL/Escola – em atividade; brincadeiras/jogos; no trabalho da mãe/pai e fumava. Por sua vez, as classes de resposta que dizem respeito ao momento atual são: consumos de substâncias ilícitas; conduta delituosa; sair/estar com o grupo de pares e fumava.

Por fim, na subcategoria Relações Próximas, pretendeu-se registar as figuras presentes e/ou de proximidade com quem os sujeitos os seus tempos livres. Neste ponto, as classes de resposta encontradas foram os Irmãos, Pares e Pais/família nuclear.

A figura 2 representa a categoria percurso desenvolvimental, as subcategorias e classes de resposta, na infância e a figura 3 no momento atual

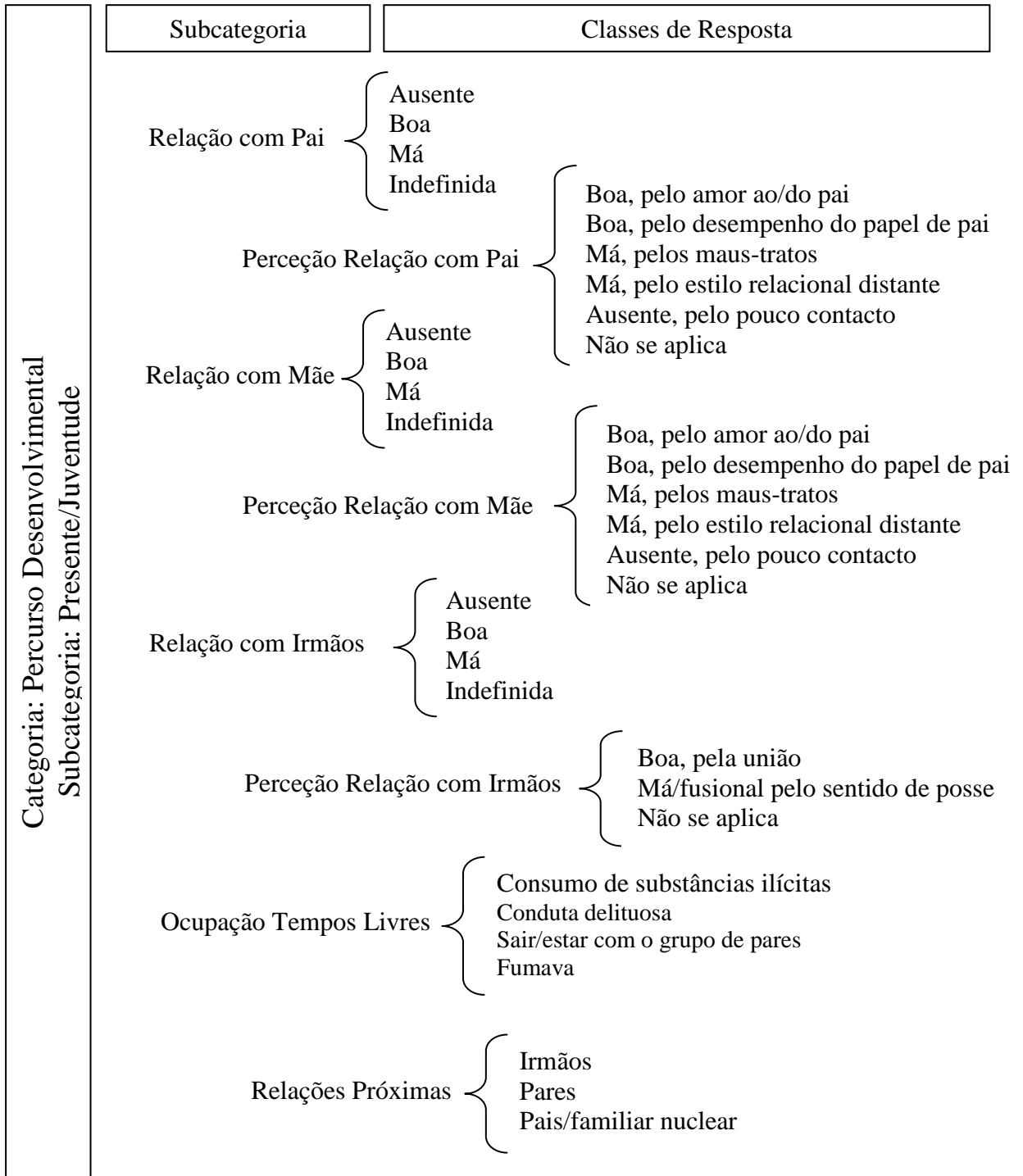
Figura 2.

Categoria percurso desenvolvimental no período da infância, as correspondentes subcategorias e as respetivas classes de resposta.

Subcategoria	Classes de Resposta
Categoria: Percurso Desenvolvimental Subcategoria: Passado/Infância	Relação com Pai { Ausente Boa Má Indefinida
	Perceção Relação com Pai { Boa, pelo amor ao/do pai Boa, pelo desempenho do papel de pai Má, pelos maus-tratos Má, pelo estilo relacional distante Ausente, pelo pouco contacto Não se aplica
	Relação com Mãe { Ausente Boa Má Indefinida
	Perceção Relação com Mãe { Boa, pelo amor ao/do pai Boa, pelo desempenho do papel de pai Má, pelos maus-tratos Má, pelo estilo relacional distante Ausente, pelo pouco contacto Não se aplica
	Relação com Irmãos { Ausente Boa Má Indefinida
	Perceção Relação com Irmãos { Boa, pela união Má/fusional pelo sentido de posse Não se aplica
	Ocupação Tempos Livres { ATL/Escola – atividades Brincadeiras/ jogos No trabalho da mãe/pai Fumava
	Relações Próximas { Irmãos Pares Pais/familiar nuclear

Figura 3.

Categoria percurso desenvolvimental no momento presente, as correspondentes subcategorias e as respetivas classes de resposta.



Relativamente à categoria correspondente à Percepção do Percurso Existencial, o que se pretendeu foi agrupar informações referentes ao percebido pelos sujeitos sobre as consequências dos seus comportamentos, que os levaram à institucionalização, os comportamentos delituosos praticados, tendo em conta também a idade de início das práticas delituosas e a evolução dos mesmos, assim como sobre a percepção do seu futuro.

Desta forma, a primeira subcategoria – Percurso Desenvolvidor Decorrente de Consumos, refere-se à classificação que o indivíduo faz sobre os comportamentos que contribuíram para a institucionalização, sobre os comportamentos puníveis por lei devido à manutenção do consumo de substâncias, a idade de início desses comportamentos e a evolução dos mesmos. Assim, tendo em conta o que foi referido, esta subcategoria inclui outras quatro subcategorias, sendo elas Comportamentos que levaram à institucionalização, Comportamentos Puníveis por Lei, Idade Início Comportamentos Puníveis por Lei e Evolução dos Comportamentos Puníveis por Lei. Na primeira subcategoria mencionada identificaram como classes de respostas Maus/Inadequados, quando o indivíduo reconhece esses comportamentos como prejudiciais para a sua vida, para a sua saúde e bem-estar; Maus/Consequentes, quando o jovem refere que esses comportamentos foram maus por causa das consequências que daí advieram, como a entrada na instituição ou relações que acabaram por se cortar com pessoas próximas, e Divertidos, pelo prazer de poder ter esses comportamentos, não pensando neles como maus, quer para a sua vida, quer pelas consequências que daí advieram. No que diz respeito à subcategoria Comportamentos Puníveis por Lei, os jovens foram questionados sobre o primeiro comportamento que tiveram para conseguir obter dinheiro, bens ou droga para manter os consumos. Assim, obteve-se como classes de resposta o Roubo, o Assalto e Ausência de Crime quando não se identificam

situações em que houve algum tipo de roubo ou assalto. Neste estudo, consideramos o assalto mais grave do que o roubo, sendo o mesmo identificado como um comportamento em maior escala que pode incluir estabelecimentos como cafés e apartamentos e não apenas o roubo a pessoas. Relativamente à subcategoria Idade Início Comportamentos Puníveis por Lei, verificou-se como classes de resposta os 10 aos 14 anos e os 15 aos 19 anos para o início das práticas delituosas. Por último, no que concerne à subcategoria Evolução dos Comportamentos Puníveis por Lei, as classes de resposta encontradas foram Manutenção, quando os comportamentos delituosos não aumentaram e se mantiveram tendo em conta os iniciais e de Evolução Crescente quando os comportamentos delituosos aumentaram sistematicamente, de forma a conseguirem dinheiro para manter a dependência das drogas.

Por último, foi definida a subcategoria Perspetivas Futuras, que se referiu à forma como os indivíduos percecionam o seu futuro e se utilizam ou não estratégias que os mobilizem para a mudança. Assim, podemos dividir ainda esta subcategoria em outras duas, nomeadamente Perceção do Futuro e Planeamento do Futuro. Na primeira os participantes demonstram aquilo que pensam sobre como será o seu futuro e na segunda explicam o que preveem para o seu futuro, indicam os seus planos e estratégias que poderão mobilizar para os alcançar. Na primeira subcategoria – Perceção do Futuro, foram identificadas as seguintes classes de resposta: de Esperança, quando os participantes pensam no seu futuro tendo em conta a mudança e projeção de planos para a sua vida, e Sem Expectativas, quando os jovens referem que não pensam nisso ou não mobilizam estratégias de mudança. Na segunda subcategoria – Planeamento do Futuro Futuras: Explicação, foram identificadas as classes de resposta Adiamento sobre como Pensar o Futuro, tendo em conta que os inquiridos quando indicavam não ter expectativas futuras demonstravam que não era algo que pensassem no momento atual

ou projetam alguns planos mas não explicam e parecem adiar a perspectiva que têm sobre o futuro, e Mobilização de estratégias de mudança, quando os inquiridos identificavam realmente aquilo projetam para o seu futuro e identificam estratégias para alcançar esses objetivos.

A figura 4 representa a categoria Percepção do Percurso Existencial, tendo em conta o Percurso Desenvolvemental Decorrente dos Consumos e as suas subcategorias: Comportamentos que Levaram à Institucionalização, Comportamentos Puníveis por Lei, Idade de Início de Comportamentos Puníveis por Lei e Evolução dos Comportamentos Puníveis por Lei e respetivas classes de resposta.

Figura 4.

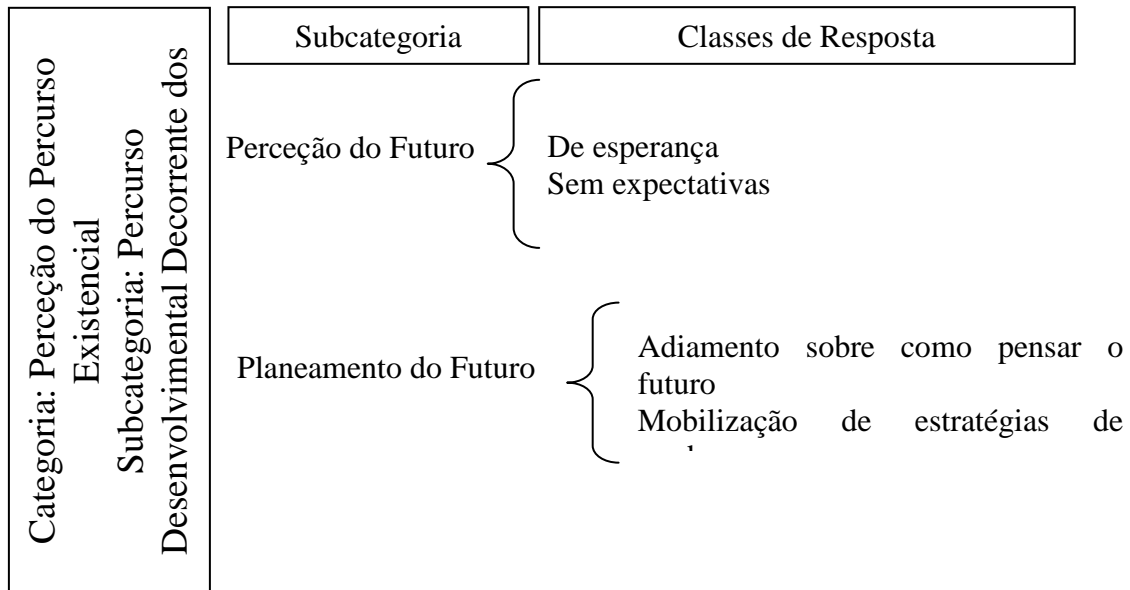
Categoria Percepção do Percurso Existencial, subcategoria Percurso Desenvolvemental Decorrente dos Consumos e subcategorias e classes de resposta correspondentes.

Categoria: Percepção do Percurso Existencial Subcategoria: Percurso Desenvolvemental Decorrente dos Consumos	Subcategoria	Classes de Resposta
	Comportamentos que levaram à Institucionalização	Maus/Inadequados Maus/Consequentes Divertidos
	Comportamentos Puníveis por Lei	Roubo Assalto Ausência de crime
	Idade Início Comportamentos Puníveis por Lei	10 – 14 15 - 19
	Evolução dos Comportamentos Puníveis por lei	Manutenção Evolução Crescente

A figura 5 representa a categoria Percepção do Percurso Existencial, tendo em conta a Perspetivas Futuras, as suas subcategorias Percepção do Futuro e Planeamento do Futuro e respetivas classes de resposta.

Figura 5.

Categoria Percepção do Percurso Existencial, subcategoria Perspetivas Futuras e subcategorias e classes de resposta correspondentes.



No que concerne à categoria Vitimação Prévia pretendeu-se agrupar informações relativamente às situações em que os sujeitos foram sofrerem de vitimação antes da entrada no mundo dos consumos de drogas.

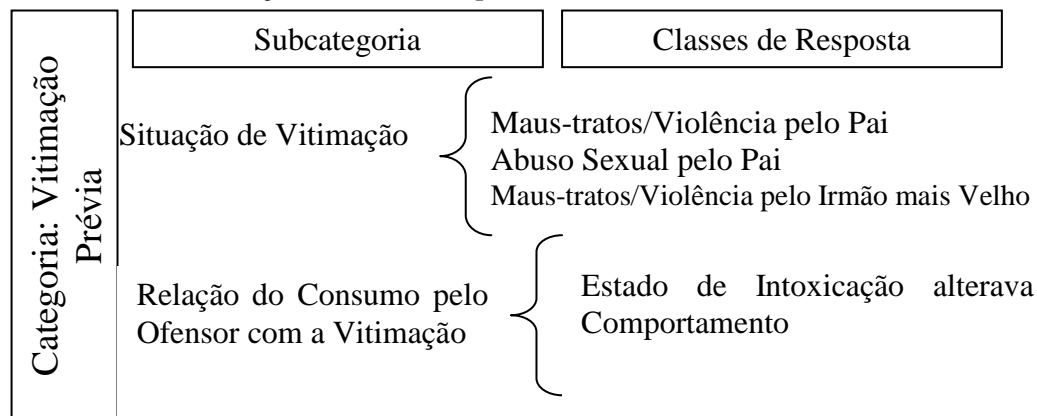
Neste sentido, a primeira subcategoria, denominada Situação de Vitimação, diz respeito à descrição da situação de vitimação mencionada pelos inquiridos. As categorias de resposta foram divididas em Maus-tratos/Violência pelo Pais, referindo-se a situações em que os jovens foram vítimas de violência, como maus tratos físicos por parte do pai; Abuso Sexual pelo Pai, na situação em que os inquiridos foram violados ou abusados sexualmente pela figura paterna e Maus-tratos/Violência pelo Irmão mais Velho, tal como a primeira classe de resposta mas em relação aos irmãos.

Na segunda subcategoria, identificada como Relação do Consumo pelo Ofensor com a Vitimação, foi identificada apenas uma classe de resposta, designadamente Estado de Intoxicação Alterava o Comportamento. No caso em que os indivíduos identificaram que o ofensor que os vitimou tinha problemas com drogas e que lhes parecia que esse facto possa ter contribuído para a situação específica de que foram vítimas, os mesmos justificaram que esse facto alterava o comportamento do ofensor, o que pode ter levado à vitimação.

A figura 6 apresenta a categoria Vitimação Prévia, bem como as suas subcategorias Situação de Vitimação e Relação do Consumo pelo Ofensor com a Vitimação e as suas classes de resposta.

Figura 6.

Categoria Vitimação Prévia, subcategorias Situação de Vitimação e Relação do Consumo pelo Ofensor com a Vitimação e classes de resposta.



Por fim, em relação à categoria Vitimação (período de consumos), agrupou-se as subcategorias relacionadas com as situações em que os inquiridos foram vítimas, durante o período de consumos, considerando-se as situações em que sofreram de violência, a relação dos mesmos com os consumos por parte do ofensor e o contributo do consumo por parte de ambos para essa situação específica. Tendo em conta o referido, foram identificadas as seguintes subcategorias: Situação de Vitimação; Motivo

Vitimação: relação com drogas; Motivo Vitimação: sem relação com drogas; Relação do Consumo pelo Ofensor com a Vitimação; Contributo do Efeito de Drogas sobre a Vitimação e Contributo do Efeito de Drogas sobre o Ofensor para a Vitimação.

Na primeira subcategoria pretendeu-se agrupar os tipos de violência sofrida por parte dos inquiridos, tendo sido as classes de resposta identificadas a Violência Exercida por Pares, no caso em que a violência foi exercida pelos colegas e amigos do seu grupo, mesmo dentro do seu grupo de consumo; a Violência Exercida por *Gangs*, quando se referiram a violência exercida por outros grupos de consumo que não o seu; a Violência em “Festas” (Raves) e a Violência Exercida por Familiares, incluindo as situações de violência física pelos pais ou irmãos.

A segunda subcategoria, denominada Motivo Vitimação: relação com drogas, pretende descrever se a situação identificada anteriormente pelos jovens tiveram relação com o consumo ou mercado de drogas. Nesta subcategoria apenas foi identificada a classe de resposta Dado o Estado de Intoxicação (do ofensor e/ou da vítima), tendo em conta que a situação de vitimação poderia ter relação direta com o consumo por parte do ofensor.

Por sua vez, a terceira subcategoria, designada Motivo Vitimação: sem relação com drogas, pretende descrever as situações em que os inquiridos relataram que a situação de vitimação não teria relação com o consumo ou mercado de drogas. Assim, foram identificadas como classe de resposta por Provocação da Parte do próprio, quando teria sido o próprio jovem a provocar a situação de que foi alvo de violência; por Estado de Sobriedade do Ofensor, nas situações em que o ofensor não estava sob o efeito de drogas e, por esse motivo, pretendia obter a droga da vítima e por Questões de

Territorialidade (práticas Delituosas), quando se referia a situações de brigas entre *gangs* e grupos, como proteção “territorial”.

Na subcategoria Relação do Consumo pelo Ofensor com a Vitimação, pretendeu-se, do mesmo modo que na Vitimação Prévia, compreender se o consumo de drogas por parte do ofensor poderia ter contribuído para a situação de vitimação. Nesta subcategoria identificou-se como classes de resposta o Envolvimento no Tráfico de Drogas, nas situações em que o ofensor estava relacionado com o tráfico e que isso possa ter contribuído para a situação de violência sofrida pelo inquirido, e Estado de Intoxicação do Ofensor, nos casos em que pareceu ao inquirido que o facto de o ofensor estar sobre o consumo de drogas tenha contribuído para essa situação.

Relativamente à subcategoria Contributo do Efeito de Drogas sobre a Vítima para a Vitimação pretendeu-se compreender porque é que os jovens consideravam que o facto de eles próprios estarem sobre o efeito de drogas possa ter contribuído para a situação de vitimação que foram alvo. Apenas foi identificada a classe de resposta Por Descontrolo Comportamental, tendo em conta que os sujeitos referiram que sobre o efeito de drogas não tinham controlo sobre os seus comportamentos, não conseguiam reagir perante a agressão e por isso foram vítimas.

Por fim, na subcategoria Contributo do Efeito de Drogas sobre o Ofensor para a Vitimação, tal como na anterior, pretendeu-se compreender porque é que os jovens consideravam que o facto o efeito de drogas possa ter contribuído para a situação de vitimação que foram alvo mas neste caso por parte do ofensor. Do mesmo modo, também só foi identificada uma classe de resposta, sendo ela Alteração do Funcionamento, uma vez que os inquiridos relatam, em diferentes situações, que o facto de o ofensor estar sobre o efeito de drogas levava a que ele se torna-se mais violento, uma vez que a droga alterava o seu funcionamento.

A figura 7 representa a categoria Vitimação (período de consumos), as subcategorias anteriormente apresentadas e as suas classes de resposta.

Figura 7.

Categoria Vitimação (período de consumos), as subcategorias e classes de resposta correspondentes.

Categoria: Vitimação (período de consumos)	Subcategoria	Classes de Resposta
	Situação de Vitimação	{ Violência Exercida por Pares Violência Exercida entre <i>Gangs</i> Violência em “Festas” (Raves) Violência Exercida por Familiares
	Motivo de Vitimação: relação com drogas	{ Dado o Estado de Intoxicação (do ofensor e/ou da vítima)
	Motivo de Vitimação: sem relação com drogas	{ Provocação da Parte do Próprio Estado de Sobriedade do Ofensor Por questões de Territorialidade (práticas Delituosas)
	Relação do Consumo pelo Ofensor com a Vitimação Relação com Pai	{ Envolvimento em tráfico de drogas Estado de Intoxicação do Ofensor
	Contributo do Efeito de Drogas sobre a Vitíma para a Vitimação	{ Por Descontrolo Comportamental
	Contributo do Efeito de Drogas sobre o Ofensor para a Vitimação	{ Alteração de Funcionamento

4.1. Apresentação dos Resultados

De forma a darmos resposta às questões e objetivos que orientam este estudo, este capítulo pretende fazer a apresentação dos resultados da investigação, assim como a sua discussão à luz da literatura científica sobre o tema em estudo. De modo a facilitar a sua leitura, os resultados serão expostos através de quadros, de modo sintético, sendo que o descritivo pretende apenas clarificar os valores mais relevantes.

Para a análise dos resultados da entrevista recorreu-se à análise de conteúdo categorial. Esta técnica é utilizada tradicionalmente na análise de materiais textuais escritos. No âmbito da investigação qualitativa, os textos passíveis de serem analisados com este método são as transcrições de entrevistas e protocolos de observação, entre outros (Chakur, 1994). A análise de conteúdo é uma ferramenta que permite compreender, partindo da realidade expressa dos discursos, o significado que os indivíduos atribuem aos fenómenos à sua volta (Almeida & Freire, 2003). No que diz respeito à categorização da Categoria Percurso Desenvolvimental, os resultados serão apresentados comparando o que os indivíduos responderam em relação ao passado e em relação ao momento atual

Relativamente à caracterização dos comportamento de consumo, tal como se verifica da análise da tabela 2, a maioria dos inquiridos iniciou os consumos entre os 11 e 15 anos (93,3%) e apenas um (6,7%) com menos de 10 anos. A principal substância de início dos consumos foi o haxixe, seja como única substância (33,3%) seja em conjunto com outras substâncias, como a marijuana (26,7%).

Durante o período de consumos, apenas cinco jovens (33,3%) consumiam frequentemente álcool, todos consumiram haxixe, apenas três (20%) referem ter consumido cocaína, nenhum apresenta consumo de heroína, um (6,7%) indica o consumo de LSD, três (20%) apontam o consumo de MDMA/*ecstasy*, nenhum consumiu *crack* e apenas um (6,7%) assinala o consumo de pastilhas. No que concerne à frequência de consumos das referidas substâncias, os inquiridos indicam na maioria que consumiam mais do que uma vez por dia (66,7%).

No que concerne ao tempo de abstinência, este varia entre 0 meses (mais exatamente três dias) e 16 meses (um ano e quatro meses), sendo a média de tempo de abstinência de aproximadamente seis meses (Cf. Tabela 2).

Tabela 2.

Caraterização do consumo de substâncias da amostra total (n=15).

IDADE INÍCIO CONSUMO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
> 10 anos	1	6,7
11 – 15 anos	14	93,3
Total	15	100
SUBSTÂNCIAS INÍCIO CONSUMO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Álcool e Marijuana	1	6,7
Bolota	1	6,7
Cannabis	1	6,7
Haxixe	5	33,3
Haxixe e Marijuana	4	26,7
Haxixe, Marijuana, Bolota e Álcool	1	6,7
Haxixe e Tabaco	1	6,7
Haxixe, Tabaco e Marijuana	1	6,7
Total	15	100
SUBSTÂNCIAS PERÍODO CONSUMO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Álcool	5	33,3
Haxixe	15	100
Cocaína	3	20
Heroína	0	0
LSD	1	6,7
MDMA/ <i>Ecstasy</i>	3	20
<i>Crack</i>	0	0
Pastilhas	1	6,7
Total	15	100
FREQUÊNCIA CONSUMO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Mais uma vez/ dia	10	66,7
Uma vez/ dia	1	6,7
Quatro vezes/ semana	1	6,7
Uma vez/ semana - semanalmente	2	13,3
Não respondeu	1	6,7
Total	15	100
TEMPO ABSTINÊNCIA (em meses)	Mínimo	Máximo
	0	16

Da análise da tabela 3, alusiva à categoria Percurso Desenvolvidor, no que concerne à relação com o pai no Passado, constatamos que os sujeitos definiram na maioria como indefinida (40%), indicando que não conhecem o mesmo/ não tem contacto (e.g. “Isso não existe, entrei na Santa Casa com meses, não tenho familiares”

(sic)) ou faleceu (e.g. “O meu pai não cheguei a conhecer, ele morreu quando tinha 3 anos...” (sic)). A mesma relação no presente foi identificada também na maioria como indefinida (46,7%) e denota-se que no momento atual nenhum indivíduo considera a sua relação como boa. Constata-se ainda que o número de relações distantes aumentou no presente, sendo que os participantes demonstram ter existido um afastamento após os consumos ou perceberem que a relação entre ambos nem sempre foi boa ou próxima (e.g. “Hum, agora nenhuma... Sempre nos demos bem mas nunca tivemos uma relação de ligação” (sic)) (Cf. Tabela 3).

Tabela 3.

Resultados obtidos para a subcategoria Relação com Pai, da categoria Percurso Desenvolvidor no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIDOR			
RELAÇÃO COM O PAI (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Distante	2	13,3	“Não tinha muita relação com ele, estávamos poucas vezes”
Boa	3	20	“Era boa”
Má	4	26,7	“Dito assim, não era assim muito agradável”
Indefinida	6	40	“Isso não existe, entrei na Santa Casa com meses, não tenho familiares”; “O meu pai não cheguei a conhecer, ele morreu quando tinha 3 anos...”
Total	15	100	
RELAÇÃO COM O PAI (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Distante	5	33,3	“Hum, agora nenhuma... Sempre nos demos bem mas nunca tivemos uma relação de ligação”
Boa	0	0	
Má	3	20	“Também má”
Indefinida	7	46,7	Casos em que não existia contacto com o pai, por falecimento ou separação.
Total	15	100	

Além disso, no que se refere à percepção da relação com o pai, verifica-se que no passado prevaleceu a má relação pelos maus-tratos (20%), essencialmente devido ao consumo de álcool - “Oh pá, não falo com o meu pai... ele era alcoólico e assim e batia-

me” (sic). Por sua vez, no momento atual os jovens identificam que a relação se mantém distante pelo pouco contacto (33,3%), tendo também a institucionalização contribuído para esse afastamento (e.g. “Então, estou cá dentro e o carago e antes estava noutra instituição há quatro anos, não dá para manter uma relação com ele... Falamos por telefone e até gosto mas não tenho uma relação tá a ver” (sic)) (Cf. Tabela 4).

Tabela 4.

Resultados obtidos para a subcategoria Perceção da relação com Pai, da categoria Percorso Desenvolvidor no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIMENTAL			
PERCEÇÃO RELAÇÃO COM O PAI (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Boa, pelo amor ao/do pai	1	6,7	“Sei lá, já não me lembro, era boa olhe... sei lá ou o carago... sei que o curtia ao molho”
Boa, pelo desempenho do papel de pai	2	13,3	“Dava-me bem e ele dava-me tudo... brincávamos, coisas habituais, dava-me educação. Era boa e ainda é”
Má, pelos maus-tratos	3	20	“Oh pá, não falo com o meu pai... ele era alcoólico e assim e batia-me”
Má, pelo estilo relacional distante	1	6,7	“Nunca foi um pai presente e não me dava, nunca tava em casa, não me dava bem com ele, tinha uma relação muito distante”
Distante, pelo pouco contacto	2	13,3	“A minha mãe e ele já são separados desde que eu nasci... ele foi para o Brasil.”
Não se aplica	6	40	
Total	15	100	
PERCEÇÃO RELAÇÃO COM O PAI (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Boa, pelo amor ao/do pai	0	0	
Boa, pelo desempenho do papel de pai	0	0	
Má, pelos maus-tratos	3	20	“Outra vez? É fácil, ele só me batia não é” “Porque o meu pai começou-me a tratar mal e fui para uma instituição que eu estava... porque o meu pai batia-me e eu sofria de violência doméstica”
Má, pelo estilo relacional distante	0	0	
Distante, pelo pouco contacto	5	33,3	“Então, estou cá dentro e o carago e antes estava noutra instituição há quatro anos, não dá para manter uma relação com ele... Falamos por telefone e até gosto mas não tenho uma relação tá a ver”
Não se aplica	7	46,7	
Total	15	100	

Passemos agora à apresentação dos restantes resultados, através da tabela 5, onde se teve o cuidado de incluir algumas das verbalizações dos participantes neste estudo. Relativamente à relação com a mãe, no passado os jovens identificam na maioria como uma boa relação (66,7%), tal como no momento atual, afirmando os participantes “Era muito boa” (sic); “Agora está boa” (sic); “Com a minha mãe sempre foi tudo bom” (sic). Apesar disso, no presente diminuíram o número de relações identificadas como boas (53,3%) e surgiram relações distantes (20%), não identificadas no passado. Apesar de os participantes não afirmarem diretamente que se trata de uma relação distante (e.g. “É boa, é mais ou menos” (sic)) ao longo da explicação esse facto é perceptível (Cf. Tabela 5).

Tabela 5.

Resultados obtidos para a subcategoria Relação com a Mãe, da categoria Percurso Desenvolvimental no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIMENTAL			
RELAÇÃO COM A MÃE (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Distante	0	0	
Boa	10	66,7	“Era muito boa”
Má	2	13,3	“Olhe tive muitas discussões com ela, tratava-a mal, ela não me aguentava mais... foi sempre assim, já desde pequeno”
Indefinida	3	20	“Também não, ditando assim sou órfão”
Total	15	100	
RELAÇÃO COM A MÃE (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Distante	3	20	“É boa, é mais ou menos”
Boa	8	53,3	“Agora está boa” “Com a minha mãe sempre foi tudo bom”
Má	1	6,7	“Agora não tinha uma relação muito boa”
Indefinida	3	20	Casos em que não existia contacto com a mãe, por falecimento ou separação
Total	15	100	

Para além disso, relativamente à perceção da relação com a mãe, no passado os inquiridos afirmam que a boa relação com a mãe se devia sobretudo ao desempenho do papel de mãe (46,7%), demonstrando que “dava-me tudo o que queria e lembro-me que

me levava à escola” (sic). No momento presente, a percepção da relação com as suas mães mantém-se boa, quer pelo desempenho do papel de mãe (26,7%), quer pelo amor à mãe (26,7%) (e.g. “Porque continua-me a ajudar, mesmo depois das coisas que tenho feito, nunca me deixou para trás e fazia o possível para termos condições e comida na mesa” (sic)) (Cf. Tabela 6).

Tabela 6.

Resultados obtidos para a subcategoria Percepção da relação com Mãe, da categoria Percorso Desenvolvidor no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIMENTAL			
PERCEÇÃO RELAÇÃO COM A MÃE (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Boa, pelo amor à/da mãe	3	20	“Era mais prestável... era o menino da mamã está a ver?”
Boa, pelo desempenho do papel de mãe	7	46,7	“Era uma boa relação, dava-me tudo o que queria e lembro-me que me levava à escola”
Má, pelos maus-tratos	0	0	
Má, pelo estilo relacional distante	2	13,3	“Sim era má e ela também não tinha uma boa relação comigo... ela dizia mal do meu pai e com o tempo foi-me enchendo a cabeça e eu não conheci o meu pai e gostava de ter um pai” “Porque a minha mãe tinha um problema com alcoologia ou isso”
Distante, pelo pouco contacto	0	0	
Não se aplica	3	20	
Total	15	100	
PERCEÇÃO RELAÇÃO COM A MÃE (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Boa, pelo amor à/da mãe	4	26,7	“Eu sempre gostei da minha mãe. Agora tipo estou bem com ela... pedi desculpa por tudo o que lhe fiz estes anos todos e ela aceitou ... agora esta muito melhor”
Boa, pelo desempenho do papel de mãe	4	26,7	“Porque continua-me a ajudar, mesmo depois das coisas que tenho feito, nunca me deixou para trás e fazia o possível para termos condições e comida na mesa”
Má, pelos maus-tratos	0	0	
Má, pelo estilo relacional distante	1	6,7	“Eu depois fui para uma instituição porque não parava tempo nenhum em casa e quando parava só discutia”
Distante, pelo pouco contacto	3	20	“Vim para aqui e nunca mais estive com ela mas ela ligava-me e falávamos”
Não se aplica	3	20	
Total	15	100	

No que concerne à relação com os irmãos (Cf. Tabela 7), os inquiridos confessam que tinham uma boa relação (46,7%) no passado, como indica um dos participantes “...sempre a defendi, sempre curti ter uma irmã e fazer brincadeiras...” (sic). Apesar disso, no momento atual verificam-se mais relações indefinidas (40%), sobretudo porque deixaram de ter contacto com os mesmos, não considerando, por isso, ter uma relação.

Tabela 7.

Resultados obtidos para a subcategoria Relação com os Irmãos, da categoria Percorso Desenvolvidor no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIMENTAL			
RELAÇÃO COM IRMÃOS (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Distante	2	13,3	“Isso é difícil... os meus irmãos tinham uma vida difícil por causa desse problema”
Boa	7	46,7	“Boa, sempre a defendi, sempre curti ter uma irmã e fazer brincadeiras e assim”
Indefinida	5	33,3	“Não tenho irmãos”
Fusional	1	6,7	“Ciúmes”
Total	15	100	
RELAÇÃO COM IRMÃOS (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Distante	4	26,7	“Já não nos falamos muito”
Boa	5	33,3	“A minha relação também é boa com eles”
Indefinida	6	40	Casos em que não existe contacto com os irmãos, por falecimento ou separação.
Fusional	0	0	
Total	15	100	

Quanto à percepção dessa mesma relação com os irmãos, os inquiridos referem, na maioria, que no passado definiam como boa pela união entre estes (46,7%) (e.g. “...estava-mos sempre a brincar e o carago e ia-mos para a praia e o carago” (sic)). No momento atual, para além de os mesmos identificarem que não têm qualquer relação com os irmãos (26,7%), grande parte também continua a afirmar que a relação é boa

pela união entre ambos (33,3%) (e.g. “...Sempre a levava quando saia. Levava-a à casa a amiga. Passava tempo com ela” (sic)) (Cf. Tabela 8).

Tabela 8.

Resultados obtidos para a subcategoria Percepção da relação com Irmãos, da categoria Percorso Desenvolvidor no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIMENTAL			
PERCEÇÃO RELAÇÃO COM IRMÃOS (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Boa, pela união	7	46,7	Dava-me bem, estava-mos sempre a brincar e o carago e ia-mos para a praia e o carago”
Má/Fusional pelo sentimento de posse	1	6,7	“Ciúmes porque era tudo para ela, mas passou”
Distante, pelo pouco contacto com irmão(s)	2	13,3	“Eles estavam no norte e só para aí há 5 anos é que vieram para cá”
Não se aplica	5	33,3	
Total	15	100	
PERCEÇÃO RELAÇÃO COM IRMÃOS (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Boa, pela união	5	33,3	Muito bem, eu acho. Sempre a levava quando saia. Levava-a à casa a amiga. Passava tempo com ela”
Má/Fusional pelo sentimento de posse	0	0	
Distante, pelo pouco contacto com irmão(s)	4	26,7	“Eles também me vieram ver mas não falamos muito e não estou com eles também”
Não se aplica	6	40	
Total	15	100	

Tendo em conta a ocupação dos tempos livres no passado, a maioria os jovens referem que passavam o seu tempo a brincar, sobretudo na rua com os seus amigos e a jogar, quer seja na rua (futebol) ou em casa (videojogos) (66,7%). Indicavam por exemplo que “...jogava à bola e ia para a praia e também roubava os trabalhos de casa dos outros para dizer que tinha feito” (sic). Atualmente, a ocupação dos tempos livres é feita sobretudo no consumo de substâncias ilícitas (66,7%), sendo um exemplo dessa verbalização “Eu ia para a escola de manhã e metia-me logo a fumar ganzas, depois ia

ter com uns colegas de infância e íamos todos a um bar tá a ver... fumávamos umas ganzas e não sei quê” (sic) (Cf. Tabela 9).

Tabela 9.

Resultados obtidos para a subcategoria Ocupação dos Tempos Livres, da categoria Percurso Desenvolvidor no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIDOR			
OCUPAÇÃO TEMPOS LIVRES (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
ATL/Escola – Atividades	3	20	“Estava-mos na creche. Também fazíamos trabalhos” “Tava num ATL, fazíamos atividades e fazia os trabalhos de casa. Também jogava matreco e essas coisas”
Brincadeiras/Jogos	10	66,7	“Sei que jogava à bola e ia para a praia e também roubava os trabalhos de casa dos outros para dizer que tinha feito”
No trabalho mãe/pai	1	6,7	“Ia sempre para o trabalho da minha mãe”
Fumava	1	6,7	“Fumava tabaco às escondidas e jogava à bola”
Total	15	100	
OCUPAÇÃO TEMPOS LIVRES (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Consumo substâncias ilícitas	10	66,7	“Eu ia para a escola de manhã e meti-me logo a fumar ganzas, depois ia ter com uns colegas de infância e íamos todos a um bar tá a ver... fumávamos umas ganzas e não sei quê”
Conduta delituosa	2	13,3	“Consumia, roubava e vendia, mais nada”
Sair/estar com o grupo de pares	3	20	“Era sexta-feira à tarde, era capaz de ir para a praia, arranjar as minhas pranchas, fazia surf, já pratico há 3 anos”
Consumo substâncias ilícitas	10	66,7	“Eu ia para a escola e manhã e meti-me logo a fumar ganzas, depois ia ter com uns colegas de infância e íamos todos a um bar tá a ver... fumávamos umas ganzas e não sei quê”
Total	15	100	

Por fim, na categoria Percurso Desenvolvidor, ao nível das Relações Próximas, que indicam com quem os jovens passam a maior parte do seu tempo e com quem estabelecem relações de maior proximidade, no passado os indivíduos afirmaram que era sobretudo com o grupo de pares (80%) (e.g. “Com os meus amigos, os amigos de infância, sempre foram até agora... Sempre foram mais velhos... Eles diziam que eu era

o pequenininho deles” (sic)). No momento atual verifica-se o mesmo facto, apesar de mesmo aqueles que mantinham relações mais próximas com familiares ou irmãos ter estabelecido maior proximidade com o grupo de pares (e.g. “Com colegas meus, de infâncias, sempre fiz a minha vida com eles, nunca liguei às pessoas de fora, a cena é que eu tinha aquele grupo, tipo uma espécie de *gang*, é um grupo de amigos tá a ver” (sic)) (Cf. Tabela 10).

Tabela 10.

Resultados obtidos para a subcategoria Relações Próximas, da categoria Percurso Desenvolvidor no Passado e no Presente.

CATEGORIA PERCURSO DESENVOLVIMENTAL			
RELAÇÕES PRÓXIMAS (PASSADO)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Irmãos	1	6,7	“Era sempre com os meus irmãos”
Pares	12	80	“Com o pessoal lá da rua” “Com os meus amigos, os amigos de infância, sempre foram até agora... Sempre foram mais velhos... Eles diziam que eu era o pequenininho deles”
Pais/Família Nuclear	2	13,3	“Com as minhas irmãs, mãe e avó” “Com o meu pai, com a minha mãe e com a minha irmã”
Total	15	100	
RELAÇÕES PRÓXIMAS (PRESENTE)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Irmãos	0	0	
Pares	15	100	“Com os meus amigos” “Com colegas meus, de infâncias, sempre fiz a minha vida com eles, nunca liguei às pessoas de fora, a cena é que eu tinha aquele grupo, tipo uma espécie de <i>gang</i> , é um grupo de amigos tá a ver”
Pais/Família Nuclear	0	0	
Total	15	100	

Relativamente à categoria Percepção do Percurso Existencial em relação ao Percurso Desenvolvidor Decorrente dos Consumos, os jovens na maioria consideram os comportamentos que os levaram à institucionalização como maus, tendo em conta as

consequências dos mesmos (60%), indicando, por exemplo, “...Só que depois vim para aqui e isso trouxe consequências para mim” (sic). Na maioria dos casos não referem ter cometido situações de crime (60%), como ou roubos ou assaltos (Cf. Tabela 11).

Tabela 11.

Resultados obtidos para as subcategorias relativas à institucionalização e comportamentos puníveis por lei da categoria Perceção do Percurso Existencial.

PERCEÇÃO DO PERCURSO EXISTENCIAL			
COMPORTAMENTOS QUE LEVARAM À INSTITUCIONALIZAÇÃO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Maus/Inadequados	3	20	“Maus, eram maus. Oh porque que eu acho... aprendi muita coisa aqui, o que era certo e o que era errado e isso prejudicou-me muito”
Maus/Consequentes	9	60	“Muito maus, muito maus mesmo... porque não é vida para ninguém, que posso dizer mais? Consumir é mau, roubar é mau, ser apanhado é mau” “(...) Só que depois vim para aqui e isso trouxe consequências para mim”
Divertidos	3	20	“Depende do ponto de vista... é assim, eu agora ponho-me a pensar um bocado e por um lado eram bons”
Total	15	100	
COMPORTAMENTOS PUNÍVEIS POR LEI	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Roubo	4	26,7	“Eu roubava, roubava, mas roubava porque precisava...” Os consumos “foram aumentado e foi daí que comecei a ter conflitos com outras pessoas, começou os roubos”
Assalto	2	13,3	“Foi uma casa com uma rapariga lá dentro e eu bati à porta ela abriu e eu dei-lhe um pontapé e ela caiu e entramos e não sei quê... e começamos a roubar. Roubamos aquilo bué de rápido, a mulher estava desmaiada do pontapé e depois dei-lhe uma chapada para ela acordar e a gente mal ela acordou fomos logo embora e ela ficou a gritar no prédio. Mas não fomos apanhados”
Ausência de Crime (considerados os consumos de substâncias em que não aparece relato de crime – assalto ou roubo)	9	60	“Houve uma rapariga que o irmão era traficante e ela estava farta de dizer ‘qualquer dia vou trazer uma pedra para a escola’ e eu oh pá traz, pode ser que faça bem... ela trouxe e virou-se e disse ‘sabes fazer isto?’ eu experimentei e enrolei e ela disse ‘não queres?’ e eu não, não quero... (...) Depois oh, deu-me um vibe e disse deixa-me ver aí uma passa e foi assim...”
Total	15	100	

Ainda na subcategoria Percurso Desenvolvidor Decorrente dos Consumos, os jovens indicam também que os comportamentos puníveis por lei, na maioria dos casos, iniciou entre os 10 e os 14 anos (73,3%). Além disso, todos os que identificaram ter cometido crimes devido ao percurso com as drogas, relata que a evolução desses mesmos crimes foi crescente, pelo facto de não ter como comprar a droga, tal como afirmam "... eu tinha necessidade de droga mas não tinha dinheiro então tinha que roubar tudo o que conseguisse, mas nunca fui agarrado..." (sic) (40%) (Cf. Tabela 12).

Tabela 12.

Resultados obtidos para as subcategorias relativas aos comportamentos puníveis por lei (idade e evolução) da categoria Percepção do Percurso Existencial.

PERCEÇÃO DO PERCURSO EXISTENCIAL			
IDADE COMPORTAMENTOS PUNÍVEIS POR LEI	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
10-14	11	73,3	"Tchiii... começou tinha eu 11 anos" "Aos 12 anos comecei a consumir, lá para os 13 já roubava e aos 13 também já vendia"
15-19	4	26,7	"Para aí aos 15 anos" "Desde que comecei a ter contacto com o meu passado, para aí há 2 anos, comecei a ter contacto com a minha mãe"
Total	15	100	
EVOLUÇÃO COMPORTAMENTOS PUNÍVEIS POR LEI	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Evolução Crescente	6	40	"Foram aumentando, eu tinha necessidade de droga mas não tinha dinheiro então tinha que roubar tudo o que conseguisse, mas nunca fui agarrado... tipo caço pela GNR"
Não se aplica	9	60	
Total	15	100	

Na categoria Percurso Existencial mas agora no que respeita às Perspetivas Futuras (Cf. Tabela 13), verifica-se que na grande maioria os indivíduos referem que não têm expectativas no futuro ou não pensam sobre isso (86,7%), referindo "Como é que penso?... não penso nisso, não sei" (sic). Além disso, adiam sobre como pensar o futuro,

referindo “(...)só que está a ver, eu não sei como vai ser depois e lá fora... não sei, eu não sei não é...” (sic) (86,7%).

Tabela 13.

Resultados obtidos para as subcategorias relativas às Perspetivas Futuras da categoria Perceção do Percorso Existencial.

PERCEÇÃO DO PERCURSO EXISTENCIAL			
PERCEÇÃO DO FUTURO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
De esperança	2	13,3	“Eu agora penso que o meu futuro vai ser bom” “Será muito melhor”
Sem expectativas	13	86,7	“Como é que penso?... não penso nisso, não sei”
Total	15	100	
PLANEAMENTO DO FUTURO	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Adiamento sobre como pensar o futuro	13	86,7	“Eu gostava de ter uma vida diferente, de continuar a ajudar os meus irmãos e sei lá, arranjar um trabalho e até contribuir para as despesas, só que está a ver, eu não sei como vai ser depois e lá fora... não sei, eu não sei não é...”
Mobilização de estratégias de mudança	2	13,3	“Eu estou disposto a mudar, estou cansado desta vida... Eu vou chegar lá fora e a primeira coisa que vou fazer é arranjar um trabalho, não é vender droga é um trabalho, nem que seja num supermercado que seja só para tirar a carta de condução e depois vou tirar um curso com o tempo, de marketing digital, como tenho jeito para vender coisas e isso”
Total	15	100	

Na categoria Vitimação Prévia em relação aos consumos, oito inquiridos referem ter sido de algum modo vítimas, sendo que, destes, a forma mais comum de violência é maus-tratos/violência pelo pai (75%). Para além disso, dessas agressões apenas quatro jovens afirmaram que a relação com drogas por parte do ofensor pode ter contribuído para a vitimação, sendo que três (20%) indicaram que o estado de intoxicação alterava o comportamento (Cf. Tabela 14), tendo em conta que “...o álcool altera o sistema nervoso do organismo humano” (sic) e “O álcool ajudava muito para o meu pai mudar de humor e de atitudes” (sic).

Tabela 14.

Resultados obtidos para as subcategorias Situação de Vitimação e Relação Consumo pelo Ofensor com Vitimação, da categoria Vitimação Prévia.

CATEGORIA VITIMAÇÃO PRÉVIA				
SITUAÇÃO DE VITIMAÇÃO		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Maus-tratos/Violência pelo pai	Presente	6	75	“O meu pai consumia álcool e batia-me”
	Ausente	2	25	
Abuso sexual pelo pai	Presente	1	12,5	“Fui vítima de violação por parte do meu pai”
	Ausente	7	87,5	
Maus-tratos/Violências por irmão	Presente	1	12,5	“O meu irmão batia-me por faltar ao respeito à minha mãe, por não ir à escola e por vezes lhe roubar coisas”
	Ausente	7	87,5	
Não se aplica		7	46,7	
Total		8	53,3	

RELAÇÃO CONSUMO PELO OFENSOR		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Frequência Absoluta
Estado de Intoxicação alterava comportamentos	Presente	3	20	“Porque o álcool altera o sistema nervoso do organismo humano” “O álcool ajudava muito para o meu pai mudar de humor e de atitudes”
	Ausente	1	6,7	
Não se aplica		11	73,3	
Total		4	26,7	

A leitura da tabela 15 permite verificar os resultados apurados no que se refere às subcategorias Situação de Vitimação ocorrida, Motivo de Vitimação: relação com drogas e Motivo de Vitimação: sem relação com drogas. Relativamente ao tipo de situações de vitimação ocorridas, constatamos nove sujeitos, apenas mais um do que antes do início dos consumos, referiram ter sido vítimas (60%), sendo as situações mais identificadas a violência exercida por pares (20%) (e.g. “Quando entrei para a escola, partiram-me um martelo nas costas porque não nos dávamos bem” (sic)), por *gangs* (20%) (e.g. “Quando eu roubei droga a um vendedor” (sic)) e por familiares (20%) (“A minha avó, sempre que não cumpria o que me era exigido” (sic)). Destes nove indivíduos, três referem que a vitimação pode estar associada ao consumo de drogas (20%), devido ao estado de intoxicação do ofensor e/ou da vítima, por exemplo quando

“...queria a minha droga e me ameaçou com uma seringa” (sic), e os restantes seis indicam que o acontecimento não terá relação com as drogas, dividindo-se as respostas entre a provocação pela própria vítima (13,3%), por estado de sobriedade do ofensor (13,3%) ou por questões de territorialidade (13,3%).

Tabela 15.

Resultados obtidos para algumas das subcategorias da categoria Vitimação (período de consumos), incluindo a situação de vitimação e as motivações subjacentes.

VITIMAÇÃO (PERÍODO DE CONSUMOS)				
SITUAÇÃO DE VITIMAÇÃO		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Violência exercida por pares	Presente	3	20	“Quando entrei para a escola, partiram-me um martelo nas costas porque não nos dávamos bem”
	Ausente	6	40	
Violência exercida entre <i>gangs</i>	Presente	3	20	“Porrada entre <i>gangs</i> ” “Quando eu roubei droga a um vendedor”
	Ausente	6	40	
Violência em “Festas” (Raves)	Presente	1	6,7	“Em festas”
	Ausente	8	53,3	
Violência exercida por familiares	Presente	3	20	“A minha avó, sempre que não cumpria o que me era exigido”
	Ausente	6	40	
Não se aplica		6	40	
Total		15	100	
MOTIVO VITIMAÇÃO: RELAÇÃO COM DROGAS				
		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Dado o estado de intoxicação (do ofensor e/ou da vítima)		3	20	“Fui ameaçado por uma pessoa mais velha que queria a minha droga e me ameaçou com uma seringa”
Não se aplica		3	20	
Total		15	100	
MOTIVO VITIMAÇÃO: SEM RELAÇÃO COM DROGAS				
		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Provocação da parte do próprio	Presente	2	13,3	“Não tinha a ver com consumos nem com mercado de drogas... acontecia porque eu me lembrava”
	Ausente	4	26,7	
Estado de sobriedade do ofensor	Presente	2	13,3	“O meu pai quando me tentou violar estava sóbrio”
	Ausente	4	26,7	
Questões de territorialidade (prát. Delituosas)	Presente	2	13,3	“Porque havia venda de droga entre <i>gangs</i> ”
	Ausente	4	26,7	
Não se aplica		9	60	
Total		15	100	

Por fim, nas restantes subcategorias referentes à Vitimação no período de consumos (Cf. Tabela 16), três sujeitos afirmam que o facto de o ofensor estar envolvido com drogas pode ter contribuído, sobretudo devido ao estado de intoxicação que alterou o seu comportamento (13,3%) (e.g. “Porque estava sob o efeito de drogas” (sic)). Além disso, dois inquiridos (13,3%) indicam que o facto de estarem sob o efeito de drogas contribuiu para a vitimação, uma vez que “...não reagi e para essa pessoa foi mais fácil roubar” (sic) e cinco (33,3%) indicam que foi pelo facto de o ofensor estar sob o efeito de drogas que se deu o acontecimento, porque “Provavelmente se estivesse sóbrio não se tinha pegado com o meu grupo” (sic).

Tabela 16.

Resultados obtidos para algumas das subcategorias da categoria Vitimação (período de consumos).

VITIMAÇÃO (PERÍODO DE CONSUMOS)				
RELAÇÃO CONSUMO PELO OFENSOR		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Envolvimento em tráfico de droga	Presente	1	6,7	“Porque havia venda de droga entre <i>gangs</i> ”
	Ausente	2	13,3	
Estado de Intoxicação alterava comportamentos	Presente	2	13,3	“Porque estava sob o efeito de drogas”
	Ausente	1	6,7	
Não se aplica		12	80	
Total		15	100	
CONTRIBUTO EFEITO DROGAS SOBRE VÍTIMA				
		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Por descontrolo comportamental		2	13,3	“Porque eu estava sob o efeito de drogas e não reagi e para essa pessoa foi mais fácil roubar”
Não se aplica		13	86,7	
Total		15	100	
CONTRIBUTO EFEITO DROGAS SOBRE OFENSOR				
		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Exemplo de Verbalização
Alteração de Funcionamento		5	33,3	“Provavelmente se estivesse sóbrio não se tinha pegado com o meu grupo”
Não se aplica		10	66,7	
Total		15	100	

4.2. Discussão dos Resultados

Tendo sido feita a apresentação dos resultados, pretende-se neste momento, tendo em conta a revisão da literatura apresentada na primeira parte desta investigação, fazer a discussão dos mesmos.

Inicialmente, ainda numa parte metodológica deste estudo, abordou-se as características da nossa amostra, sendo a mesma composta na maioria por jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e 18 anos, solteiros, estudantes e com uma escolaridade abaixo do previsto para a sua faixa etária. Além disso, a grande maioria iniciou os consumos entre os 11 e 15 anos, sobretudo com derivados da cannabis e a maioria com a frequência de mais de uma vez por dia.

No que concerne à análise dos dados em relação à categoria Percurso Desenvolvimental, verifica-se que da infância para o momento atual as relações com os pais e irmão, a sua ocupação dos tempos livre e as próprias relações mais próximas foram alteradas. Se na infância três inquiridos (20%) consideravam a sua relação com o pai boa, no momento atual nenhum destes considera que seja boa. Assim, aumento o número de relações com os pais consideradas distantes (infância – 13,3%; atual – 33,3%) e uma indefinida (infâncias – 40%; atual – 46,7%). Apesar desse facto, um dos jovens passou a não considerar a sua relação com o pai má, tal como era na infância. Assim, compreendemos que, de uma forma ainda mais acentuada no momento atual, as relações com os pais eram más, distantes ou indefinidas. Por sua vez, os sujeitos, em comparação com a relação com o pai, consideram que com a mãe a relação foi ou é boa (infância – 66,7%; atual – 53,3%), demonstrando haver uma maior proximidade, seja pelo amor à/da mãe (20%) ou pelo desempenho do seu papel (46,7%). Apesar disso, da infância para o momento atual, dois jovens deixaram de considerar a sua relação com a mãe como boa e ter surgido relações distantes (20%), que não se verificavam enquanto

crianças. Estes resultados denotam haver uma maior proteção por parte da mãe durante a infância que com o passar do tempo e acontecimentos ou se manteve ou acabou por se tornar menos consistente. Já no que diz respeito à relação com os irmãos, verificam-se também melhores relações na infância (46,7%), apesar de mesmo assim ainda se observarem relações distantes (13,3%) e indefinidas (33,3%). As mesmas evoluíram num sentido negativo, tendo aumentado o número de relações distantes (26,7%) e indefinidas (40%) entre os irmãos. Estes resultados vão ao encontro da literatura. Inicialmente é de salientar que o próprio modo como os pais educam os seus filhos tem relação com o desenvolvimento destes comportamentos de consumo e delituosos. Granetto (2008) defendia que as práticas parentais desadequadas, como o pouco investimento nas relações e pouca supervisão, poderiam levar a condutas inapropriadas. Este facto reflete-se nos nossos resultados, sendo que já desde a infância se denota que estes jovens provêm de famílias destruturadas, com situações de separação, violência doméstica, alcoolismo e consumos por parte dos próprios irmãos e apresentam desde logo relações difíceis, sobretudo com os pais. Poderemos levar em consideração que estas mesmas situações possam ser fruto de uma maior vulnerabilidade por parte destes sujeitos (Canavarro, 1999). Na mesma ótica, num estudo levado a cabo por Negrete e García-Aurrecochea (2008), verificou-se que o uso de drogas estaria relacionado com elementos de famílias disfuncionais, problemáticas e distantes. É necessário ainda ter-se em conta que existem fatores de risco de ordem ambiental e individual que contribuem para a toxicodependência. Segundo uma recolha de dados feita por Nunes e Jólluskin (2010), dos fatores ambientais fazem parte: a disponibilidade de drogas, pobreza, mudanças sociais, cultura do círculo de amigos, profissão, normas e atitudes culturais, política sobre drogas, tabaco e álcool, dos fatores individuais: predisposição genética, vítima de maus-tratos quando criança, transtornos da personalidade, problemas de

rupturas familiares e dependência, fracos resultados escolares, exclusão social, depressão e comportamento suicida. Constatou-se ainda que estas relações disfuncionais evoluíram ainda num sentido de distanciamento ou mesmo ausência de relação, na sua maioria, tendo sido identificados neste estudo alguns destes fatores.

Relativamente à ocupação dos tempos, ainda da categoria Percurso Desenvolvimental, livres denota-se uma elevada alteração ao nível dos comportamentos e atividades realizadas, esperadas também em função das idades. Assim, se por um lado na infância os jovens na sua maioria brincavam ou jogavam (66,7%), atualmente os mesmos passam a grande parte do seu tempo em consumos de substâncias ilícitas (66,7%). Do mesmo modo, a subcategoria que diz respeito às relações próximas também sofreu alterações apesar de não tão notória, uma vez que os inquiridos já passavam grande parte do seu tempo e tinham relações mais próximas com os seus amigos na infância (80%). Contudo, se anteriormente alguns ainda passavam o seu tempo com os irmãos (6,7%) ou família nuclear (13,3%), atualmente todos passam a maior parte do tempo fora de casa e com o grupo de pares. É necessário ter-se em consideração que é nesta fase que o grupo de pares ganha uma enorme importância na vida destes jovens. Os estudos demonstram que o próprio grupo de amigos é um dos maiores fatores predisponentes para o uso de substâncias (Silber & Souza, 1998). Além disso, se o jovem estiver inserido num grupo que aprova e experimenta álcool e drogas o mesmo terá uma maior probabilidade de incidir sobre esses consumos. Este facto verifica-se na amostra em estudo, uma vez que alguns deles relatam mesmo que começaram os consumos entre amigos que trouxeram para a escola, ou amigos mais velhos que os convidaram a experimentar.

No que diz respeito à categoria Percepção do Percurso Existencial, constata-se que em relação à subcategoria Percurso Desenvolvimental Decorrente dos Consumos, a

maioria dos jovens indicam que os comportamentos que fizeram com que fossem institucionalizados são maus, quer pelo facto de serem inadequados (20%) quer pelo facto das consequências que daí advieram (60%). Denota-se que os indivíduos percecionam os a entrada no mundo das drogas como negativa. Os mesmos relatam, que iniciaram comportamentos puníveis por lei entre os 10 e 14 anos (73,3%). Quando questionados sobre comportamentos que fossem puníveis por lei, constituindo crime a maioria dos inquiridos identificava o início dos consumos, só sendo perceptível a existência de crimes como assaltos e roubos pelo discurso no decorrer da entrevista. Tendo em conta que a grande maioria parecia ter estado envolvida em roubos/assaltos/furtos, apenas foram identificados efetivamente seis casos em que os próprios afirmaram, quatro de roubos (26,7%) e dois de assaltos (13,3%). Nos casos em que os jovens relatavam como comportamentos puníveis por lei os consumos de drogas (60%), indicou-se este facto como ausência de crime, tendo em conta que a lei portuguesa (Lei nº 30/2000) prevê que a partir de 2000 o consumo de drogas como cannabis é penalizado (uma vez que a substância permanece ilegal) mas não é considerado crime como o tráfico de droga (Assembleia da República, 2000). Acrescenta-se ainda que os jovens que indicaram ter cometido crimes (40%) também acrescentaram que os mesmos tiveram uma evolução crescente. A literatura demonstra que os jovens praticam cada vez mais atos antissociais entre os quais podemos destacar o roubo, a agressão e oposição às normas sociais (Pais, 2012). Este facto verifica-se neste estudo, uma vez que, tal como referido, apesar de muitos dos jovens não terem mencionado, percebia-se a prática de crimes para conseguir substâncias ilícitas.

Já no que respeita à subcategoria Perspetivas Futuras, os jovens indicam na maioria que não têm expectativas no futuro ou não pensam sobre isso (86,7%) e, por isso, também não parecem mobilizar estratégias para a mudança e adiam pensar sobre o

futuro (86,7%). Estes resultados vão ao encontro de estudos que relatam que os próprios consumos acabam por apoderar-se dos comportamentos, dos planos de vida e da própria personalidade dos indivíduos, que os leva a não adquirirem espaço para projeções futuras (Agra, 2002).

Em relação às categorias de avaliação da Vitimação, antes e após os consumos, verificamos que existe apenas mais uma situação de vitimação em comparação com o período antes dos consumos (53,3% - 60%). Além disso, o tipo de violência que os sujeitos foram alvo também alterou, sendo que a situação mais frequente antes do consumo é maus-tratos/violência pelo pai (75%) e durante esse período de consumos verificaram-se diferentes situações de violência, quer pelos pares ou familiares, quer por *gangs*. Relativamente às subcategorias Motivo de Vitimação, três sujeitos (20%) indicaram que se deveu ao estado de intoxicação ou da vítima ou do ofensor e seis (40%) indicaram que não houve relação com drogas, tendo sido mencionadas a provocação por parte deles próprios (13,3%), o estado de sobriedade do ofensor (13,3%) e as questões de territorialidade entre os *gangs* por práticas delituosas (13,3%). Em ambos os momentos, antes e durante os consumos os sujeitos referem que o envolvimento do ofensor com drogas pode ter contribuído para a situação de vitimação. Antes dos consumos apenas um (6,7%) indica que apesar desse envolvimento com drogas não parece contribuído e três (20%) afirmam que sim pelo estado de intoxicação do ofensor. No momento atual todos indicam que contribuiu, sendo que um (6,7%) referiu pelo envolvimento em tráfico de droga e dois (13,3%) pelo estado de intoxicação do ofensor. Acrescenta-se ainda que no momento atual de consumos, dois sujeitos (13,3%) indicaram estar sob efeito de drogas e que isso tinha contribuído para a situação de que foram vítimas por descontrolo comportamental e cinco (33,3%) indicam que o ofensor estava sob efeito de drogas e que isso contribuiu para a referida situação por

alteração do seu funcionamento. Nesta perspectiva, Maccoun, Kilmer e Reuter (2003) mencionam que o jovem toxicodependente quando se encontra sob o efeito de substâncias ilícitas está extremamente frágil e corre o risco de facilmente ser alvo de roubos ou agressões (físicas ou verbais).

Estes resultados indicam que a maioria das situações de vitimação, principalmente no momento de consumos, parece estar relacionado com problemas com drogas, quer seja pela relação do ofensor com as substâncias ilícitas, quer pelo efeito das mesmas no momento do acontecimento. Isto porque mesmo nas situações em que foi indicado que as situações de violência não tinham relação com as drogas se verifica que ou foi para obtenção das mesmas ou por questões de territorialidade, que acabam por relacionar também estes comportamentos com o mundo das drogas.

Tendo em conta o resultado dos dados sobre as condutas delinquentes e os consumos de drogas, bem como as situações de violência de que os inquiridos foram alvo, parece haver uma relação, ainda que não seja linear, entre estes comportamentos. Do mesmo modo, Peixoto (2005) leva a cabo um estudo, no âmbito nas dependências e da violência onde estabelece uma relação entre estes dois fenómenos, considerando que faz sentido estabelecermos uma ligação entre o consumo e a criminalidade/ violência, mas não faz qualquer sentido estabelecer um paralelismo direto entre a delinquência e as situações de vitimação com o consumo de drogas. Ainda de modo a corroborar os resultados deste estudo, Gonçalves (2002) deixa patente que embora alguns estudos permitam estabelecer uma ligação o consumo de substâncias e os comportamentos criminosos, a ligação existente entre estes dois fenómenos está, no seu entender, longe de ser linear. De um modo geral, as principais explicações para esta relação prendem-se com o facto de o consumo de substâncias desencadear alterações comportamentais e consequentemente estas alterações provocar atos criminais; a prevalência e necessidade

sentida pelo indivíduo para sustentar os seus consumos podem originar as práticas criminosas e, por último, os fatores culturais e as subculturas inerentes ao mundo da droga podem também promover comportamentos delinquentes (Nunes, 2011).

Conclusão

No final deste trabalho importa refletir sobre os resultados alcançados, procurando assim responder às questões de investigação inicialmente colocadas neste estudo. É obviamente imprescindível analisar reflexivamente sobre os seus objetivos definidos no início da investigação. Evidentemente, é não só pertinente como também revelador de honestidade científica, passar à apresentação das limitações desta pesquisa, procurando também identificar implicações futuras.

A questão inicial deste estudo centra-se nas regularidades biográficas que possam estar implicadas nas trajetórias desviantes destes jovens. De facto, constatou-se neste estudo que todos os inquiridos apresentaram características semelhantes no que concerne aos consumos e práticas delituosas, bem como ao nível de alguns pontos importantes das suas trajetórias de vida. Desde logo se depreende que estes jovens ingressaram nos consumos desde cedo, quase todos antes dos 15 anos, sendo que também as práticas delituosas se centram nessas idades. Todos eles apresentam condições de vida semelhantes ao nível dos estudos e de estado civil. Além disso, a maioria não identifica ter cometido crimes, como roubos/assaltos e furtos mas no decorrer das entrevistas denota-se esse facto, de modo a obter dinheiro para a compra ou as próprias drogas.

No que concerne à segunda questão deste estudo, que indaga sobre a possível identificação de situações de vitimação previamente ao período de consumos, também a mesma parece ser respondida afirmativamente, uma vez que os jovens identificaram situações de que haviam sido vítimas, na fase das suas vidas antes da entrada nos consumos. Situações essas que muitas das vezes advinham do seio familiar e que podem, de facto, ter sido um dos fatores a concorrer para o comprometimento da socialização destes jovens e, conseqüentemente, a ter tido algum impacto no início dos consumos, tal como já foi referido na discussão dos resultados.

Uma terceira questão de investigação deste estudo prendia-se com a interrogação a respeito de as situações de vitimação estarem ou não relacionadas com o consumo de drogas. Ora, através desta investigação, a resposta obtida levou à constatação de que efetivamente parece perceber-se essa relação, uma vez que os jovens que indicaram terem sido de algum modo vítimas, de uma forma ou de outra acabam por relacionar esses acontecimentos com as drogas. Seja através da relação com tráfico, com *gangs* ou individualmente, ou até mesmo durante os estados de intoxicação de um ou de ambos – vítima e ofensor - no momento da vitimação, compreende-se que existe uma associação entre estes dois aspetos, já que as respostas obtidas no inquérito realizado assim o confirmam.

Por fim, pretendeu-se compreender se as práticas delituosas estariam associadas ao consumo de substâncias. Verifica-se que todos os inquiridos que mencionam terem cometido crimes tem relação com as drogas. Isto porque a maioria indica que cometeu práticas delituosas para conseguir comprar ou roubar droga para consumo, o que efetiva esta relação.

Da análise final deste estudo, depreende-se que existe, ainda que não de forma linear, uma associação entre os consumos de drogas, as práticas delituosas e a ocorrência de vitimação, em populações que, como estas crianças e jovens, se expõem a muitos riscos desde tenra idade e se encontram praticamente em regime de uma espécie de incompatibilidade com a sociedade normativa. Aliás, estes elementos que se foram revelando podem levar-nos a reflexões sobre como estamos a conduzir o desenvolvimento de crianças e jovens nas sociedades contemporâneas, já que desde muito cedo se vislumbra o afastamento, para não dizermos rotura, entre um número considerável de indivíduos e a sociedade com que esperamos que se identifiquem.

É certo que muito se tem especulado a esse respeito, mas ao que parece, se atendermos a estudos como este, ainda não houve suficiente análise nem eficácia de medidas. Além disso, concluiu-se que os fatores de risco na infância devem ser tidos em conta pois estes potenciam aquilo que os jovens são atualmente. Deste modo, é necessário ter em conta programas de intervenção que possam sobretudo incidir nestes fatores de risco de forma a prevenirmos que as crianças de hoje se tornem os toxicod dependentes e criminosos de amanhã. Acrescentemos ainda que é importante os estudos centrarem-se mais na questão da relação entre estas dimensões uma vez que apesar de ser uma realidade cada vez mais estudada ainda há muito a fazer no que concerne a programas de intervenção neste contexto. Na verdade, se temos de explorar a relação entre drogas e delito nestes jovens, importa também analisar a relação droga-vitimação ou vitimação-droga, já que também aqui não podemos assumir qualquer causalidade.

Ao nível das limitações deste estudo centram-se na perceção de que os jovens em algumas questões não respondiam de acordo com aquilo que expressavam fisicamente e muitas vezes pareciam não ser coerentes ao longo do estudo. Além do mais, é importante referir, apesar de ser um estudo qualitativo, a baixa amostra de sujeitos.

Apesar disso, considera-se que foram cumpridos os objetivos deste estudo, tendo os seus resultados sido uma mais-valia ao nível da temática.

Referência Bibliográficas

- Abraão, I. (1999). Factores de risco e factores protectores para as toxicodependências. Uma breve revisão. *Revista Toxicodependências*, 5 (2) 3-11.
- Aguilar, B., Sroufe, A., Egeland, B., & Carlson, E. (2000). Distinguishing the early-onset/persistent and adolescence-onset antisocial behavior types: from birth to 16 years. *Development and Psychopathology*, 12, 109-132.
- American Psychiatric Association (2002). *DSM-IV-TR. Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*, (5ª ed., J. Almeida, Trad.). Lisboa: Climepsi.
- Assis, S., & Feijó, M. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*, 9 (1), 157-1567.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo* (5ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bean, P. (2004). *Drugs and crime* (2ª Ed.). United Kingdom: Willan Publishing.
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4 (20), 637-645.
- Binder, A. (1987). An historical and theoretical introduction. In H. Quay (org.), *Delinquency and Crime, Current Theories* (pp. 1-32). New York: Cambridge University Press.
- Binder, A., Geis, G., & Bruce D. D. (2001). *Juvenile Delinquency. Historical, Cultural and Legal Perspectives*. Ohio: Anderson Publishing.
- Brochu, S. (2006). *Drogue et criminalité. Une relation complexe* (2ª Ed.). Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.

- Carvalho, M. (2004). *Entre as Malhas do Desvio: Jovens, Espaços, Trajetórias e Delinquências*. In. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.
- Carvalho, M. (2010). *Do outro lado da cidade: crianças e socialização e delinquência em bairros de realojamento* (Tese de doutoramento). Universidade Nova de Lisboa.
- Catania, A. C., Mathews, A., & Shimoff, E. (1990). Properties of rule-governed behavior and their implications. In D. E. Blackman & H. Lejeune (Orgs.) *Behaviour analysis in theory and practice: Contributions and controversies* (pp. 215-230). Brighton: Lawrence Erlbaum.
- Coelho, L. L., Junior (2001). *Uso potencial de drogas em estudantes do ensino médio: suas correlações com as prioridades axiológicas* (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Dahlberg, Linda, L., Krug, & Etienne G., (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.
- DeBeck, K., Shannon, K., Wood, E., Li, K., Montaner, J., & Kerr, T. (2007). Income generating activities of people who inject drugs. *Drug and Alcohol Dependence*, 91 (1), 50-56. doi:10.1016/j.drugalcdep.2007.05.003
- DuPont, R.L. (2005). *Cérebro álcool e drogas. O Cérebro egoísta: aprender com dependências* (A. André, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Original publicado em 1997).
- Eklund, J., & Af Klinteberg, B. (2009). Stability and change in criminal behavior: A prospective study of young male lawbreakers and controls. *International Journal of Forensic Mental Health*, 5, 83-95.
- Escohotado, A. (2004). *História elementar das drogas*. Lisboa: Editora Antígona.

- Farate, C. (2000). *O acto do consumo e o gesto que consome*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Fernandes, L., & Pinto, M. (2008). “ Juventude urbana pobre e cidade predatória. O gunga como figura de ameaça”. In M. I. Cunha (org.), *Aquém e Além da prisão. Cruzamentos e perspectivas* (pp 177-222). Lisboa: 90º Editora.
- Filho A., Ferreira M., Gomes M., Silva R. & Santos T. (2007). O adolescente e as drogas: consequências para a saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 11 (4), 605-10.
- Ford, J. D., Chapman, J., Mack, M., & Pearson, G. (2006). Pathways from traumatic child maltreatment to delinquency: implications for juvenile and permanency court proceedings and decisions. *Juvenile and Family Court Journal*, 57 (1), 13-26.
- Formiga, N. S. (2002). *Condutas antissociais e delitivas: Uma explicação em termos dos valores humanos* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas antissociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Psico*, 34 (2), 367-388.
- Frick, P.J. (1998). Callous/unemotional traits and conduct problems: applying the two-factor model of psychopathy to children. In DJ, Forth AE, Hare RD, (eds) *Psychopathy: Theory, Research, and Implications for Society in Cooke* (pp. 161-187). Dordrecht, the Netherlands: Kluwer Academic.
- Goldstein, P. (1985). The drugs/violence nexus: A tripartite conceptual framework. *Journal of Drug Issues*, 39, 143-174.

- Goldstein, P. (1995). Drugs and violence: Myth and reality. In L. Joseph (Ed.), *Crime, communities, and public policy* (pp. 181-200). Chicago: University of Illinois Press.
- Goldstein, P. Bellucci, P., Spunt, B., & Miller, T. (1991). Frequency of cocaine use and violence: A comparison between men and women. In S. Scober & C. Shade (Eds.), *The epidemiology of cocaine use and abuse* (pp. 113-138). U.S.A.: U. S. Department of Health and Human Services. Public Health Service. National Institutes of Health.
- Gouveia, V.V., Santos, W. S., Pimentel, C.E., Diniz, P.K.C., & Fonseca, P.N. (2009). Questionário de comportamentos antissociais e delitivos: Evidências Psicométricas de uma Versão Reduzida. *Psicologia: Reflexão e Critica*, 22 (1), 20-28.
- Hunter, J. A., Figueredo, A. J., Malamuth, N., & Becker, J. V. (2004). Developmental pathways in youth sexual aggression and delinquency: Risk factors and mediators. *Journal of Family Violence*, 19, 233-242.
- Lallemand, A., & Schepens, P. (2005). *As novas drogas da geração rave*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lester, D. (1995). *Theories of personality: A system approach*. USA: Taylor & Francis.
- Loeber, R., & Farrington, D. (2001). The significance of child delinquency. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention and service needs* (pp.67-73). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Loeber, R., Wung, P., Keenan, K., Giroux, B., Stouthamer-Loeber, M., Van Kammen, W. B. (1993). Developmental pathways in disruptive child behavior. *Development and Psychopathology*, 5, 103-133.

- Lozano, L. R., & Gonzalez, J. M. M. (1998). Factores de protección en la prevención de las drogodependencias. *IDEA – Prevención, 17*, 58-70.
- Maccoun, R., Kilmer, B., & Reuter, P. (2003). Research on Drugs- crime linkages: The next generation (commissioned paper). In *Toward a drugs and crime research agenda for the 21st century*. Washington: National Institute of Justice Special Repor.
- Machado, L. M. (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária. Apresentada à Universidade Fernando Pessoa do Porto.
- Manita, C. (2000). Das descobertas privadas aos crimes públicos: evolução dos significados em trajetórias de droga / crime. *Revista Toxicodependências, 6* (2), 17-31.
- Manita, C. (2002). *Quando as portas do medo se abrem... Do impacto psicológico ao (s) testemunho (s) de crianças vítimas de abuso sexual*. Atas do Encontro “Cuidar da Justiça de Crianças e Jovens - A Função dos Juízes Sociais”. Coimbra: Almedina.
- Marques, A., & Cruz, M. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 22*, 32-36.
- Marques, A., Petta R., & Cruz, M. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 22*, 32-36.
- Martins, J. S. (2005). *Violência e maus tratos em contextos de socialização e delinquência juvenil* (Tese de Doutoramento). Universidade de Santiago de Compostela.

- Moffit, T. E. (2006). Adolescent-Limited and Life-course persistent versus Adolescent-limited antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100 (4), 674-701.
- Moffit, T. E., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P.A. (2001). *Sex differences in antisocial behaviour: Conduct disorder, delinquency, and violence in the Dunedin Longitudinal Study*. Cambridge: Cambridge University Press
- Nagin, D. & Tremblay, R. (1999). Trajectories of boys' physical aggression, opposition, and hyperactivity on the path to physically violent and non violent juvenile delinquency. *Child Development*, 70, 1181-1196.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis: trajetórias, intervenção e prevenção*. Porto: Edições LivPsic.
- Nunes, L., & Jóluskin, G. (2010). *Drogas e comportamentos de adição: um manual para estudantes e profissionais de saúde*, (2ª ed.). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Nunes, C. (2006). O jovem delincente na Lei Tutelar Educativa e a educação para o direito. *Revista do Instituto Superior de Polícia Judiciária e Ciências Criminais*, 8, 315-376.
- Nunes, L.M. (2011). *Droga- Crime: desconstruções*. Porto: edições Universidade Fernando Pessoa.
- Nunes, M, L., & Sani, I, A. (2014). Toxicodependência e vitimação: inquérito dirigido a indivíduos dependentes de drogas. *Análise psicológica*, 1 (32), 79-90.
- Pacheco, J., Murcho, N., Jesus, S., & Pacheco A. (2009). Factores de risco e de protecção das toxicodependências em crianças e jovens adolescentes:

- contributos para a sua compreensão. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 17 (1), 33-38.
- Paunonem, S. V., & Ashton, M. C. (2001). Big five and facets the prediction of behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 538-556.
- Peixoto, A. (2005). *Dependências e outras violências: Estudo comparado 2004 -2009*. Ponta Delgada: Edições Macaronésia.
- Peixoto, C., & Ribeiro, C. (2010). Indicadores Psicológicos de Abuso. In Magalhães, T. (Coord.), *Abuso de Crianças e Jovens – Da suspeita ao diagnóstico* (pp.7-21). Porto: Lidel.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos antissociais* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.
- Poiars, C. A. (1999). Contribuição para uma análise histórica da droga. In: *Toxicodependências*, 5, 3-12.
- Portela, P. C. C. (2004). *À margem da margem: percursos na heroína dos invisíveis institucionais* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Quinsey, V. L., Skilling, T. A., Lalumière, M. L., & Craig, W. M. (2004). *Juvenile delinquency: understanding the origins of individual differences*. Washington: American Psychological Association.
- Alves, R., & Kossobudzky, L. A. (2002). Caracterização dos adolescentes internados por álcool e outras drogas na cidade de Curitiba. *Interação em Psicologia*, 6 (1) 65-79.
- Sanchez, A., Telles, C., Murad, J.E., Gonçalves, E.L, Trancredi, F.B., Charbonneau,P-E., Kanner, R., Werebe, S., & Fagundes Sanchez, V. (1982). *Drogas e drogados*,

o indivíduo, a família, a sociedade (2ª ed.). São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Sani, I. A. (2011). *Temas de Vitimologia*. Coimbra: Edições Almedina

Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciências saúde colectiva*, 10 (3), 707.

Silva, D. F. M., & Hutz, C. S. (2002). Abuso infantil e comportamento delincente na adolescência: Prevenção e intervenção. In C. S. Hutz (Ed.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp.151-185). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Silva, P., & Rossetti-Ferreira, C. (2002). Continuidade/descontinuidade no envolvimento com o crime: uma discussão crítica da Literatura na Psicologia do Desenvolvimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18, 55-61.

Simões, M. C. (2007). *Comportamentos de risco na adolescência*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

Sintra, C. I. F., Lopes, P., & Formiga, N. (2011). Condutas antissociais e delitivas e habilidades sociais em contexto forense. *Psicologia Argumento*, 29 (66), 383-399.

Skinner, B. F. (1984). Selection by consequences. *Science, New series*, 213 (4507), 501-504.

Tapparelli, G. (2000). *O Caminho da Morte: Delinquência Juvenil num Bairro Popular de Salvador Bahia*. Comunicação no XXIV Encontro Anual da ANPOCS.

Thornbery, T. P., & Krohn, M.D. (2000). The self-report method for measuring delinquency and crime. In D. Dufee, R. D. Crutchfield, S. Mastrofski, L. Mazerolle, & D. McDowall (Eds). *Measurement and analysis of crime and justice* (Vol. 4, pp. 33-83). Washington DC: National Institute of Justice.

- Tyler, K. A., & Melander, L. (2012). *Poor Parenting and Antisocial Behavior Among Homeless Young Adults: Links to Dating Violence Perpetration and* Tyler, K. A., Brownridge, IN, D. A. & Melander, L. A. (2011). The Effect of Poor Parenting on Male and Female Dating Violence Perpetration and Victimization. *Violence and Victims* 26, 2 (2011), 218-230. Victimization. Sociology Department, Faculty Publications. Paper 180.
- Widom, C. S. (2010). Understanding Child Maltreatment and Juvenile Delinquency. The Research. In J. Wiig & C. S. Widom (Eds.) *Understanding Child Maltreatment & Juvenile Delinquency. From Research to Effective Program, Practice, and Systemic Solutions* (pp. 1-10). Washington, DC: Child Welfare League of America.
- World Health Organization, (1996). *Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority*. Geneva: World Health Organization.

